

REJANE LUNA LOPES DA SILVA

A PEDOFILIA COMO REFLEXO DE UMA MÁ EDUCAÇÃO

**Rio de Janeiro
2005**

REJANE LUNA LOPES DA SILVA

A PEDOFILIA COMO REFLEXO DE UMA MÁ EDUCAÇÃO

**Monografia de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de Pedagogia
da Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do Grau de
Licenciado em Pedagogia, orientada
pela professora Doutora Rita Maria
Manso de Barros.**

**Rio de Janeiro
2005**

DEDICATÓRIA

A minha mãe, Maria Celina, pelos anos de incentivo e apoio, meu eterno amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelos momentos de superação.

A meus pais, Raimundo e Maria Celina, pelos anos de dedicação.

A meus irmãos, Fábio e Diana, pela cumplicidade.

A meu noivo Sídney pelos momentos de compreensão.

A amiga Ana Cristina pela colaboração e companheirismo.

As amigas da UNIRIO pelos anos de convivência.

A Kátia, Maria Elena e Simone pela generosidade em prestar seus depoimentos.

A professora Rita Manso, em especial, pelas excelentes aulas ministradas e que despertaram em mim o interesse pela Psicanálise, além, da amabilidade e dedicação com que me orientou durante o longo percurso de realização deste trabalho.

A todos, o meu muito obrigada!

EPÍGRAFE

Conhece-te a ti mesmo, no teu
oculto ego!

(FREUD apud CAPRIO, 1965, p.
XIX)

RESUMO

O trabalho pretende discutir, a partir de uma perspectiva psicanalítica e mediante uma abordagem teórico-qualitativa, como algumas posturas educativas podem favorecer a construção dos pedófilos. Lida com o pressuposto formulado por Freud de que os traumas sexuais ocorridos na infância contribuem para a construção da estrutura perversa. Destaca-se como algumas posturas educativas podem levar a perversão. Busca-se articular a teoria com a prática, fazendo uso das análises das observações no cotidiano da pré-escola e dos depoimentos dos profissionais envolvidos com esta. Conclui-se, assim, que de certa forma algumas posturas educativas, principalmente, no que se refere à educação sexual, contribuem para a construção da estrutura perversa no ser humano. Faz-se indispensável, portanto, um trabalho de reflexão, de buscar explicitar possibilidades de se abordar a educação sexual de uma maneira não-traumatizante, na busca da construção de um indivíduo sadio e consciente da importância da sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Posturas Educativas, Pedófilos, Traumas Sexuais, Infância, Perversão.

SUMÁRIO

RESUMO.....	v
1 INTRODUÇÃO.....	07
2 PSICANÁLISE, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO.....	12
3 SEXUALIDADE E PERVERSÃO.....	19
3.1 A MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE NA INFÂNCIA E SUA EVOLUÇÃO NA ADOLESCÊNCIA.....	20
3.2 Sobre Amância e Amor.....	26
3.3 Traumas Sexuais na Infância e Doença Ulterior.....	29
3.3.1 Perversões Sexuais.....	33
4 SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO E PERVERSÃO.....	42
4.1 UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NA SOCIEDADE, NA FAMÍLIA E NA ESCOLA.....	43
4.2 Uma Pedagogia Que Leva a Perversão.....	51
4.3 Educação e Pedofilia: Um Estudo de Caso.....	56
5 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO.....	60
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71

1- INTRODUÇÃO

Numa tarde destas da vida, estava lendo Lolita, de Vladimir Nabokov, quando me reti no seguinte trecho:

Eu estava de joelhos, prestes a possuir minha querida, quando saíram da água dois banhistas barbudos, o velho homem do mar e seu irmão, gritando palavras obscenas de encorajamento. Quatro meses depois ela morreu de tifo em Corfu.

Repasso seguidamente estas desgraçadas memórias e fico me perguntando se foi então, no resplendor daquele remoto verão, que se abriu a fenda em minha vida, ou será que meu excessivo desejo por aquela criança foi apenas a primeira manifestação de uma particularidade inata? Quando tento analisar minhas ânsias, meus atos e motivos, entrego-me a uma espécie de devaneio retrospectivo do qual brota uma infinidade de alternativas, fazendo com que cada caminho visualizado se bifurque sem cessar na paisagem alucinadamente complexa de meu passado. Porém, tenho como certo que de alguma forma mágica e fatal, Lolita começou com Annabel. (NABOKOV, 1955, p.15).

Ao ler este trecho, recordei-me de um parágrafo de um texto de Freud que dizia:

Reconhecemos que os primeiros anos da infância possuíam uma importância especial [...]. Em primeiro lugar, porque esses anos incluíam o primeiro surgimento da sexualidade que deixa após si fatores causais decisivos para a vida sexual da maturidade. Em segundo lugar, porque as impressões desse período incidem sobre um ego imaturo e débil e atuam sobre este como traumas. O ego não consegue desviar as tempestades emocionais que esses traumas de algum modo provocam, exceto por meio do recalque, e assim adquire na infância todas as disposições para uma doença ulterior e para distúrbios funcionais. (FREUD apud BARROS, 2003, p.1).

Lolita tem como enredo o envolvimento de um adulto com uma menina de 13 anos, portanto, aborda um caso de pedofilia, e o autor nos leva a crer que o interesse deste homem por uma criança ocorreu devido a um trauma sexual ocorrido

em sua infância. Assim, ao ler o trecho descrito na página anterior e associar com as palavras de Freud, resolvi abordar neste trabalho um assunto que diariamente é discutido na mídia, a pedofilia.

Quando um caso de pedofilia é apresentado pela imprensa, muitas pessoas não compreendem o que leva tais pessoas a cometer esses atos. Mas a pedofilia se caracteriza como uma perversão e pode ser diagnosticada como uma patologia se apresentar características de exclusividade e fixação. As perversões têm origem geralmente, como descobriu Freud, a partir de efeitos secundários provenientes de alguma impressão sexual forte, recebida, via de regra, na primeira infância.

Nas análises de adultos com problemas de natureza perversa verifica-se que, em alguns casos, o seu problema teve origem numa experiência de educação traumatizante ocorrida na infância.

De certa forma, a educação recebida por estas pessoas também contribuiu para a formação de suas perversões. Obviamente, há responsáveis (mesmo que inconscientes) na construção destes transgressores.

Associando a questão do trauma sexual e de algumas posturas educativas, o que se vê é um elo de ligação: educação_ trauma sexual_ doença ulterior_ caráter pervertido. E é este o meu interesse ao realizar este trabalho, ou seja, associar as duas questões e mostrar como algumas posturas educativas, principalmente, no campo da educação sexual, podem causar traumas, e conseqüentemente, propiciar a formação de pessoas com caráter perverso.

Deste modo, pretende-se conhecer como algumas abordagens pedagógicas (na família, na escola e na sociedade) podem favorecer a construção de pedófilos?

A partir desta questão, aspira-se desenvolver como os traumas sexuais ocorridos na infância contribuem para a construção da estrutura perversa, em especial dos pedófilos. Tendo em vista estas questões perguntamo-nos quais as possibilidades de se abordar a educação sexual (na família, na escola e na sociedade) de uma maneira não traumatizante?

Para concretizar a realização deste trabalho foi estabelecido como objetivos:

- _conhecer como se processa a sexualidade no ser humano;
- _conhecer como um trauma sexual pode originar uma perversão;
- _entender o que são as perversões;
- _apresentar a maneira como algumas abordagens pedagógicas podem causar traumas sexuais;
- _analisar o histórico de vida de um pedófilo relatado em texto, diagnosticando quando começou a se manifestar este caráter pervertido no sujeito e analisando a educação recebida, procurando verificar se de alguma forma ela causou algum trauma sexual;
- _apresentar propostas de como abordar a educação sexual de uma maneira não traumatizante.

Tendo em vista estes objetivos, a importância deste trabalho está no fato de poder apresentar que a construção da personalidade de um pedófilo ocorre na maioria dos casos devido a traumas sexuais ocorridos durante a sua infância, de forma ativa ou passiva. Portanto, estas pessoas não praticam tais atos de forma gratuita, mas são levadas por atos inconscientes.

No campo da Educação, a importância deste trabalho está no fato do educador ter a oportunidade de refletir se está educando adequadamente seus

alunos, ou, se está simplesmente repassando conhecimentos cognitivos e esquecendo que ele é responsável pela formação de um cidadão e de um sujeito ético, ou ainda, se o educador reproduz princípios morais antigos nos quais determinados assuntos são proibidos, feios, impróprios.

Há a necessidade de ^{it} repensar o que é educar. Educar é repassar conhecimentos ou contribuir para a formação de cidadãos conscientes?

Objetivando uma coerência com a base teórica, este trabalho se baseia nos pressupostos da teoria psicanalítica, principalmente, no que diz respeito aos traumas sexuais ocorridos na infância e que originam uma doença ulterior.

Quê? Está pautado numa análise qualitativa, para tanto, houve pesquisa de campo, com a utilização da técnica de observação sistemática, isto porque, foram realizadas entrevistas com professores da Educação Infantil e um Orientador Pedagógico. Além disso, durante um ano foram feitas numa escola da rede pública municipal de São Gonçalo observações com alunos da Educação Infantil (crianças com idade entre 4 e 6 anos).

Este campo de pesquisa se justifica por se tratar de um ambiente que exerce grande influência na educação das crianças e também por ser um local de grande conglomerado de pessoas, o que é bastante relevante quando se procura conhecer vários modos de posturas e pensamentos educativos. A faixa etária escolhida para ser observada das crianças ocorreu devido aos traumas incidirem na primeira infância, que corresponde a esta faixa de idade.

Quanto às entrevistas, estas foram utilizadas com o intuito de compreender os sujeitos e seus discursos.

Este trabalho está pautado também em estudos bibliográficos, tendo como principal fonte de referência o pensamento de Freud. Além de livros e artigos, jomais

e revistas foram pesquisados, pois estes instrumentos geralmente apresentam reportagens importantes e atuais que contribuem para o estudo desenvolvido neste trabalho.

Cabe aqui ressaltar que por motivos de traduções errôneas, muitas obras de Freud apresentam a palavra instinto quando na realidade deveriam ser traduzidas como pulsão. Assim sendo, neste trabalho procuramos desfazer este equívoco tendo a liberdade de utilizar a palavra pulsão ao invés de instinto.

As entrevistas e observações realizadas foram confrontadas com os levantamentos bibliográficos realizados a procura de uma confirmação.

Com base em todos estes instrumentos, o que se pretende com este trabalho é apresentar que tanto os pais quanto os educadores devem estar atentos à educação transmitidas às crianças e ao seu comportamento, para que estas se tornem adultos produtivos e, assim, possamos construir um mundo mais solidário.

Como finalidade principal este trabalho pretende fazer com que tanto pais, quanto educadores ou qualquer pessoa que lide com crianças, repensem seus princípios e percebam que a maioria dos pedófilos são resultados de uma violência, e compreendam também, que se nos aproximarmos mais das crianças, educando-as adequadamente, conversando, escutando, criando um elo com barreiras flexíveis, talvez, possamos diminuir o número de perversos, e assim, vivermos em relativa paz, sem tanto medo de sair nas ruas, podendo ver nossas crianças crescerem longe desta violência.

2- PSICANÁLISE, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Para discursarmos sobre a relação entre pedofilia e educação, faz-se necessário, antes de tudo, entendermos o papel relevante dos discursos psicanalíticos para este trabalho e a contribuição da psicanálise para o campo da educação e, principalmente, para o esclarecimento da sexualidade humana.

Sob este enfoque, é fundamental compreendermos o que é a Psicanálise.

Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (FREUD, 1976c, p.287).

Dada a sua definição, é indispensável conhecer sua origem e evolução, mesmo que de forma sucinta. Sendo assim, de acordo com o que nos é apresentado na Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (1976c), a origem do processo de nascimento da Psicanálise inicia-se em Viena, no ano de 1880, com o médico e fisiologista experimental, Dr. Josef Breuer. Ele tratava de uma jovem que apresentava como quadro clínico uma grave histeria¹ manifestada durante os desvelos com o pai doente. Esta jovem apresentava, como sintomas, paralisias motoras, inibições e distúrbios de consciência. Sobre influência da própria jovem, Breuer colocou-a em estado de hipnose. Depois de várias sessões em que, sob efeito da hipnose, a jovem relatava os pensamentos que atormentavam sua mente, Breuer conseguia que, em cada ocasião, ela retornasse a uma condição

¹ Histeria: neurose completa, que apresenta uma série de distúrbios nervosos muito variáveis. FERNANDES, Francisco; GUIMARÃES, F. Marques; LUFT, Celso Pedro. **Dicionário Brasileiro Globo**. 52. ed. São Paulo: Globo, 1999.

mental normal. Enfim, foi alcançado o sucesso: a jovem livrou-se de todas as perturbações que a acometiam.

Além de curá-la, Breuer compreendeu o que desencadeou tal neurose¹ na paciente. Mas, mesmo com este sucesso terapêutico, Breuer não anunciou publicamente sua descoberta, só o fazendo sobre influência de Freud, dez anos depois, publicando ambos o artigo Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos e, mais tarde, em 1895, o volume Estudos sobre a Histeria, no qual o processo terapêutico já descrito anteriormente foi denominado como catártico².

Assim, neste volume, os autores afirmam que os sintomas histéricos

[...] surgiam quando um processo mental com pesada carga emocional era de alguma maneira impedido de nivelar-se ao longo do caminho normal que conduz à consciência e ao movimento (isto é, era impedido de ser 'ab-reagido'); em resultado disso, o afeto, em certo sentido 'estrangulado', era desviado ao longo de caminhos errados e transbordava para a inervação somática (processo denominado de 'conversão'). (FREUD, 1976c, p.288).

As idéias patogênicas dessa natureza foram tratadas pelos autores como traumas psíquicos. Concluíram ainda que os histéricos padeciam de recordações traumáticas não tratadas. Portanto, "a catarse surgia quando o caminho à consciência se abria e havia uma descarga normal do afeto" (FREUD, 1976c, p.288), possibilitando tão logo a cura. Esta teoria tem como hipótese fundamental à existência de processos mentais inconscientes.

Breuer afastou-se dos trabalhos prosseguindo Freud com os estudos. Sob o seu olhar os estudos prumaram para um novo rumo, tendo como conseqüência o abandono da hipnose nos tratamentos, pois, acreditava o autor que o tratamento

¹ Neurose: doença caracterizada por perturbações do sistema nervoso, sem lesão anatómica aparente. FERNANDES, Francisco; GUIMARÃES, F. Marques; LUFT, Celso Pedro. *Dicionário Brasileiro Globo*. 52. ed. São Paulo: Globo, 1999.

² O termo catarse origina-se do grego *katharsis* que significa expulsão violenta ou vômito.

catártico da hipnose só apresentava um sucesso total conforme relação estabelecida entre médico-paciente. Logo, o restabelecimento do paciente não dependia apenas do método. Além disso, eram poucas as pessoas que podiam ser hipnotizadas, ocorrendo com isso uma limitada aplicação do método.

Isso não significava, porém, que as impressões observadas do método seriam ignoradas, muito pelo contrário, serviriam de inspiração. Deste modo, Freud começou a tratar seus pacientes a partir do método da associação livre. Sem estar sob efeito da hipnose, o paciente é levado a apresentar as idéias copiosas que freqüentemente vinham a sua mente. Para tanto, o autor ensinava a seus pacientes a se libertarem de qualquer atitude crítica que viessem a ter sobre tais pensamentos e revelassem qualquer fato, mesmo aqueles que julgassem irrelevantes. Essa técnica pressupunha uma estreita relação entre os fatos mentais expostos e o quadro clínico apresentado pelo paciente.

A nova técnica apresentou resultados tão satisfatórios, que possibilitavam ampliar o tratamento a outras formas de distúrbio neurótico, que Freud, para diferenciar do método catártico, denominou-a de Psicanálise. Nascia assim a Psicanálise.

Com o sucesso terapêutico da Psicanálise nos pacientes, era necessário descobrir de onde derivavam os sintomas histéricos. Após minuciosos estudos que remetiam sempre à puberdade ou à infância do paciente, Freud descobriu "que na raiz da formação de todo sintoma, deveriam encontrar-se experiências traumáticas do início da vida sexual" (1976c, p. 295).

Os sintomas histéricos resultavam do embate entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu, ou seja, os impulsos sexuais eram reprimidos pela personalidade

do paciente (o seu ego) e, este então apresentava distúrbios mentais e/ou físicos provenientes do seu inconsciente em conflito.

Através da Psicanálise, Freud apresentou muitas explicações sobre os processos mentais, como por exemplo, o significado dos sonhos. No entanto, para este nosso estudo, vamos nos limitar somente às contribuições da Psicanálise para os campos da sexualidade e educação.

Freud com a Psicanálise revelou a sexualidade infantil: o Complexo de Édipo; a Teoria da Libido. Suas teorias chocaram seus pares no início do século XX. Até então, a sexualidade na criança, era tida como inconcebível, porque acreditava-se que o desenvolvimento sexual só tinha início na puberdade.

Os fundamentos da teoria psicanalítica são, portanto:

- _ a pressuposição de existirem processos mentais inconscientes;
- _ reconhecimento da teoria da resistência e repressão;
- _ apreciação da importância da sexualidade e do Complexo de Édipo.

Embora muitas obras científicas aleguem que a Psicanálise atribua à sexualidade todos os acontecimentos mentais e as remonta todas àquela, simplesmente a Psicanálise interpretou que as neuroses derivam dos conflitos entre os impulsos sexuais e o ego, conflitos estes, provenientes do desejo reprimido entre aquilo que se deseja e aquilo que é permitido.

Em defesa da Psicanálise, Souza (1997) nos diz que:

A Psicanálise parte da premissa de que há uma contradição, no comportamento humano, entre a sexualidade e o saber de seu objeto. A Psicanálise não é, assim, uma sexologia. Ela se situa nos limites da sexologia, porque o que ela se ocupa do sexo é aquilo que, de dentro ou de fora da própria vida pessoal, não é suficiente para dominar, para domesticar: é aquilo que é avesso ao conhecimento. Exatamente o efeito, tão conhecido pela educação, do que, nas relações humanas, resulta diferente de nossas intenções. (p. 20-1).

Werebe (1998) acrescenta sobre o estudo da sexualidade humana que é na Psicanálise que se encontra a contribuição mais significativa, tendo ela demonstrado o mais completo sistema esclarecedor sobre a vida sexual.

Ainda de acordo com a autora, para muitos cientistas é a Biologia a ciência que é considerada privilegiada para o conhecimento sobre a sexualidade. A Psicologia somente manifesta interesse pelo estudo da influência dos fatores psicológicos relacionados à sexualidade.

Mas, como Werebe discute, não se pode compreender a sexualidade humana sem analisar os fatores ideológicos que interferem no seu desenvolvimento. Assim sendo, é de fundamental importância conhecer também o contexto social do indivíduo para entender a manifestação da sua sexualidade.

Conseqüentemente, tem-se que aceitar que "o homem possui tendências sexuais, mas estas tendências recebem sua forma e orientação definida num conjunto de regras culturais que variam de uma sociedade à outra" (MALINOWSKI apud WEREBE, 1998, p.15).

Através de seus estudos, Souza (1997) nos relata que a medicina do século XVIII, ao buscar respostas a partir das descobertas da Biologia, considerou a sexualidade humana como um fenômeno natural e, em virtude disso, o exercício da sexualidade foi meramente associado à reprodução.

Tendo em vista esta finalidade, qualquer manifestação da sexualidade que não visasse a reprodução era tida como doença ou aberração da natureza. Inicia-se tão logo a elaboração de discursos científicos que ditavam a normalidade da sexualidade humana e apontavam os desvios e anormalidades.

Freud (BARROS, 2003) a respeito dos padrões de civilização declara que por exigir uma idêntica conduta sexual de todos, estes impõe a alguns indivíduos

grandes sacrifícios psíquicos que ou os levam a doenças nervosas ou a burlar as regras morais.

Regras morais estas que segundo Werebe (1998), estabelecem rituais de corte, namoro e modalidades de relação sexual aceitáveis.

A escola, diz Foucault (SOUZA, 1997), com o intuito de reprimir as manifestações da sexualidade, passou a vigiar as crianças, fazer separação dos sexos, combater o onanismo¹.

Nos dias atuais, embora nos Parâmetros Curriculares Nacionais_ Orientação Sexual, haja informações da necessidade de se incluir temas sobre sexualidade na sala de aula, muitos professores não se sentem preparados para abordar assuntos como prazer, amor, sexo. Muitos apóiam-se numa visão moralista sobre a sexualidade, decorrentes daquilo que nos é passado socialmente. Desta forma, resta ao aluno contentar-se com explicações sobre os sistemas reprodutores. Qualquer outra informação é lhes negada ou reprimida, valendo estas posturas tanto para professores da educação infantil quanto do ensino fundamental e médio.

Freud (BARROS, 2003) nos apresenta como as teoria psicanalíticas podem ser úteis para a quebra de tabus por parte dos educadores e por assim dizer também dos pais e, o quanto é ^{com} ⁵ negativa as posturas repressivas por parte destes no que se refere a educação sexual das crianças. Então,

Quando os educadores se familiarizarem com as descobertas da Psicanálise, será mais fácil se reconciliarem com certas fases do desenvolvimento infantil e, entre outras coisas, não correrão o risco de superestimar a importância dos impulsos pulsionais socialmente imprestáveis ou perversos que surgem nas crianças. Pelo contrário, vão se abster de qualquer tentativa de suprimir esses impulsos pela força, quando aprenderem que esforços desse tipo com frequência

¹ Onanismo: o mesmo que masturbação. FERNANDES, Francisco; GUIMARÃES, F. Marques; LUFT, Celso-Pedro. **Dicionário Brasileiro Globo**. 52. ed. São Paulo: Globo, 1999.

produzem resultados não menos indesejáveis que a alternativa, tão temida pelos educadores, de dar livre trânsito às travessuras das crianças. A supressão forçada de fortes pulsões por meios externos nunca produz, numa criança, o efeito de essas pulsões se extinguirem ou ficarem sob controle; conduz à repressão, que cria uma predisposição a doenças nervosas no futuro. (FREUD apud BARROS, 2003, p. 5-6).

Tendo em vista este breve histórico da Psicanálise, podemos observar sua importância no esclarecimento da sexualidade humana e a contribuição de suas posições no que tange à educação e, mais significativamente, na educação sexual. Conseqüentemente, perceberemos o encadeamento da Psicanálise com a sexualidade e a educação.

Sobre esta ótica, portanto, é que este trabalho foi sendo pensado, diagnosticado e finalizado. Cabe então ressaltar que, para compreender o que vamos apresentar nas páginas seguintes, é necessário ter um olhar psicanalítico sobre os fatos e, lembrar que este estudo é baseado na teoria psicanalítica sobre traumas sexuais ocorridos na infância que desencadeiam uma doença ulterior.

3- SEXUALIDADE E PERVERSÃO

Neste capítulo, objetivamos apresentar como os traumas sexuais ocorridos na infância contribuem para a construção da estrutura perversa do ser humano, em especial, dos pedófilos. Entretanto, não podemos dialogar a respeito deste assunto, sem, contudo, discorrermos sobre como se processa a sexualidade no ser humano. Pensando assim, este capítulo é dividido em três seções que se completam, pois, uma proporciona uma melhor compreensão da outra.

Neste sentido, primeiramente, respaldadas pelas teorias de Freud sobre a sexualidade, discursaremos sobre a sexualidade infantil e as transformações que ocorrem na puberdade.

Como falar sobre sexualidade infantil nos leva irremediavelmente a apresentarmos a teoria do Complexo de Édipo, teremos que diferenciar amância e amor, isto porque, a compreensão destes termos facilita o nosso entendimento acerca de como uma criança consegue superar o Complexo de Édipo, ou não, e assim apresentar a partir desta não superação, toda sintomatologia de uma perversão.

Após a apresentação destes assuntos, enfim, poderemos esclarecer o processo que envolve a construção de um caráter pervertido no homem e, conhecer ainda algumas perversões classificadas pela psiquiatria.

Falar de sexualidade não é tão simples quanto parece, sempre faz-se necessário para conhecer um assunto referente a ela, entender os muitos campos que a cercam, porque, nada é por acaso, há sempre uma relação.

3.1- A MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE NA INFÂNCIA E SUA EVOLUÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

Freud em seu artigo *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), artigo reunido na *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (1976a), declara que a vida sexual das crianças pode ser observada mais facilmente por volta dos três ou quatro anos de idade, cabendo ressaltar, porém, que desde o recém-nascido, os germes dos impulsos sexuais já existem e vão evoluindo com o passar do tempo, seguido após, por um processo de supressão (período de latência) que é novamente interrompido pela continuidade do desenvolvimento sexual.

O autor acrescenta que "é durante este período de latência total ou apenas parcial que se constroem as forças psíquicas que irão mais tarde impedir o curso da pulsão sexual e, como barreiras, restringir seu fluxo" (1976a, p.181). Surge a partir de então os sentimentos de vergonha, repugnância e as exigências dos ideais morais.

Dá-se o nome de sublimação ao processo em que essas pulsões sexuais são desviadas dos objetivos sexuais¹ e direcionadas para outras finalidades, processo este evocado por forças psíquicas opostas e que constroem as barreiras mentais acima expostas.

Essa oposição entre as forças psíquicas ocorre devido ao embate em que

De um lado, pareceria que os impulsos sexuais não podem ser utilizados durante estes anos de infância, já que as funções reprodutoras foram postergadas_ um fato que constitui a principal

¹ Objetivo sexual é o ato a que a pulsão sexual conduz. FREUD, Sigmund. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.136.

característica do período de latência. De outro, estes impulsos pareceriam em si pervertidos, ou seja, surgir de zonas erógenas e derivar sua atividade de pulsões que, em vista da direção do desenvolvimento do indivíduo só podem despertar sentimentos desagradáveis. (FREUD, 1976a, p. 183).

Assim sendo, este processo de sublimação é de fundamental importância para o desenvolvimento de um indivíduo civilizado e normal.

Sobre as manifestações da sexualidade infantil observáveis desde os primeiros anos de vida da criança, ou por assim dizer, primeira infância, Freud nos aponta o ato de chupar o dedo como sendo uma destas manifestações, pois, tal atitude "envolve completa absorção e leva ou ao sono ou mesmo a uma reação motora com o caráter de um orgasmo" (1976a, p.184) e, geralmente, é acompanhada da manipulação de um outro órgão externo.

Esta atividade sexual enquadra-se na fase auto-erótica, pois a obtenção do prazer encontra-se no próprio corpo e não é direcionada para outras pessoas.

Freud lembra que ao chupar o dedo a criança busca recordar um prazer outrora já experimentado, neste caso, prazer advindo do ato de sucção do seio materno. Diante deste exemplo, como regra geral, o autor nos diz que a satisfação da zona erógena num primeiro momento está relacionada à satisfação da necessidade de nutrição, portanto, a atividade sexual nesta fase está direcionada a funções que têm como finalidade a auto-preservação.

Convém salientar que a sensação de prazer advém de qualquer outra parte do corpo estimulada pela criança, não sendo necessariamente restringida ao polegar, mas a qualquer outra parte que lhes remeta às sensações já experimentadas (neste caso, durante o aleitamento) e que deixa uma necessidade de repetição, produzindo portanto, satisfação.

Assim como a zona labial, a zona anal é apontada por Freud como um meio de manifestação da sexualidade infantil ligado a uma função somática vital. Neste caso, a excitação erógena da zona anal provém da retenção das fezes que suscita violentas contrações musculares que ao serem expelidas pelo ânus provocam elevada excitação da membrana mucosa. Este ato provoca além de dor, um prazer inestimável.

Somando-se as zonas já descritas, Freud discorre também sobre a atividade das zonas genitais dizendo que:

As atividades sexuais desta zona erógena, que forma parte dos órgãos sexuais propriamente ditos são o início do que se transforma mais tarde em vida sexual 'normal'. A situação anatômica desta região, as secreções em que ela é banhada, o lavar e friccionar a que ela é submetida durante a limpeza de uma criança, assim como a excitação sexual accidental (tal como a mobilidade dos vermes intestinais no caso de mocinhas), tomam inevitável que a sensação de prazer que esta parte do corpo é capaz de produzir seja notada por crianças mesmo durante sua primeira infância e dê surgimento à necessidade de sua repetição. (1976a, p. 193).

Pode-se então enumerar, de acordo com Freud, as três características primordiais de uma manifestação sexual infantil:

- (1) Está ligada a uma das funções somáticas vitais;
- (2) Não tem objeto sexual¹, é auto-erótica;
- (3) Seu objetivo sexual é dominado por uma zona erógena.

Embora o objeto sexual na infância seja auto-erótico, concomitantemente, em um determinado período, entre os dois e cinco anos, este objeto, no caso dos meninos, passa a ser a mãe, e assim,

¹ Objeto sexual é a pessoa de quem procede a atração sexual. FREUD, Sigmund. Três Ensaíos sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: _____, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.136.

Essa escolha de um objeto, em conjunção com uma atitude correspondente de rivalidade e hostilidade para com o pai, fornece o conteúdo do que é conhecido como o Complexo de Édipo, que em todo ser humano é da maior importância na determinação da forma final de sua vida erótica. Descobriu-se ser característica de um indivíduo normal aprender a dominar seu Complexo de Édipo, ao passo que o neurótico permanece envolvido nele. (FREUD, 1976c, p. 298).

Para as meninas cabe a situação inversa, ou seja, o seu objeto passa a ser o pai, após afastar-se da mãe, que é o primeiro objeto de amor tanto delas quanto dos meninos.

Freud discorre ainda sobre outras fontes de manifestação da sexualidade infantil, tal como, as agitações mecânicas que incluem movimentos de balanço do corpo, arremesso do corpo para cima por outra pessoa. Estas agitações mecânicas produzem na criança uma excitação sexual indiscutível. Há também vinculação de excitação sexual a partir de esforços musculares, processos afetivos que emanam grandes emoções e trabalho intelectual.

Simultaneamente com as manifestações sexuais, nas crianças, por volta dos três e cinco anos, começam a aparecer dúvidas quanto a assuntos referentes à sexualidade, e a partir de então, desenvolvem-se nelas as atividades de pesquisa, que resultam em teorias infantis. Questiona-se a origem dos bebês, surgem as teorias do nascimento e da existência dos dois sexos etc. Exemplificando, peguemos a teoria da existência dos dois sexos, onde para o menino, o órgão genital que possui é atribuído a todos que conhece, teoria abandonada após graves lutas internas, que fazem com que o menino pense que as meninas tinham um pênis, mas que este desapareceu após a castração, fato este conhecido como complexo de castração. Já as meninas, ao perceberem que sua anatomia genital é diferente da

dos meninos, não supõem uma teoria, mas passam a invejar o pênis (falo), em busca de algo que as complete e repare sua ferida narcísica.

Estas manifestações sexuais e teorias da primeira infância, como nos relata o autor, desaparecem após curto espaço de tempo, retornando na segunda infância (a partir dos seis anos), quer como um estímulo de comichão que busca satisfação através da masturbação ou como um processo involuntário, como por exemplo, uma poluição noturna.

Este retorno da atividade sexual é ocasionado por causas internas ou acasos externos. Entre estes acasos externos está a sedução, que pode ser exercida por um adulto ou outra criança. Nesta situação, a criança sob forte influência emocional aprende a obter prazer de suas zonas genitais e, a partir de então, recorre à masturbação para reviver o prazer alcançado. Mas o despertar da vida sexual também pode surgir espontaneamente devido a causas internas (mental ou biológica).

Acerca da sedução, o autor aponta que a criança sob sua influência pode tornar-se perversa polimorfa permanentemente, e isto, a levará a cometer todo tipo possível de irregularidades sexuais, pois, os efeitos da sedução incidem sobre as barreiras mentais ainda não construídas.

A respeito da expressão perversa polimorfa, tem-se a acrescentar que "a sexualidade infantil é, por definição polimorficamente perversa" (FREUD, A., 1982, p. 175). Então, justifica-se dizer que faz parte da natureza sexual infantil e só se torna um caso patológico, quando a criança não transcende esta fase, devido a um desvio ocorrido na construção da estrutura mental. Portanto, ao definir a criança como perversa polimorfa, quer-se caracterizar que a criança experimenta, provoca sensações, atos e não sente pudor ou remorso diante disto, pois para ela é normal,

mesmo que para um adulto possa parecer uma aberração. Freud (1976a) mesmo nos fala que as crianças não sentem vergonha, e que nos seus primeiros anos adoram expor seus corpos, principalmente, as partes sexuais.

Chegando o final do quinto ano de idade, a primeira fase da vida sexual chega ao fim, ocorrendo neste espaço de tempo o período de latência, durante o qual serão construídas as barreiras mentais. A segunda fase se manifesta na puberdade, e define o quadro final da vida sexual.

Tem-se então, um desenvolvimento difásico da função sexual, sendo intermediado por um período de latência, evidenciando, por assim dizer, uma das peculiaridades da espécie humana.

Com o início da puberdade, a pulsão sexual passa a ter um objeto sexual, não sendo mais auto-erótica. Assim, todas as pulsões sexuais se unem para alcançar o objetivo sexual e as zonas erógenas ficam dependentes da hegemonia da zona genital. Agora a pulsão sexual está diretamente relacionada à função reprodutora.

É durante a adolescência que ocorre o desenvolvimento final dos órgãos genitais externos e internos, e estes aparelhos passam a funcionar a partir de estímulos externos ou internos (mentais), que ocasionam a excitação sexual, ocorrendo com isso nos homens, a ereção do pênis, e nas mulheres, a lubrificação da vagina.

Freud (1976a) nos chama a atenção para a distinção entre o prazer advindo da excitação das zonas erógenas e do prazer obtido das zonas genitais, dizendo que:

Esta distinção entre a espécie de prazer devido à excitação das zonas erógenas e a outra espécie devida à descarga das substâncias sexuais, merece, a meu ver, ser tomada mais concreta

por uma diferença de nomenclatura. O primeiro pode ser adequadamente descrito como 'pré-prazer' em contraste com o 'prazer final' ou prazer de satisfação derivado do ato sexual. O pré-prazer é, assim, o mesmo prazer que já foi produzido, embora em menor escala, pela pulsão sexual infantil; o prazer final é algo novo e é assim, provavelmente, condicionado por circunstâncias que não surgem antes da puberdade. A fórmula para a nova função das zonas erógenas é, portanto, a seguinte: são usadas para tornar possível, por intermédio do pré-prazer, que delas possa ser extraída (como ocorreu durante a vida infantil) a produção do prazer maior da satisfação. (p. 216-7).

Acrescenta a estas considerações, que a atividade auto-erótica das zonas erógenas ocorre da mesma forma nos dois sexos. Por outro lado, as manifestações auto-eróticas e masturbatórias da sexualidade têm caráter inteiramente masculino nas mulheres, pois, a libido¹ é de natureza masculina, isto é, ativa, ocorra ela em qualquer dos sexos e independente de ser seu objeto um homem ou uma mulher.

Estas são, portanto, as considerações de Freud a respeito do desenvolvimento sexual que tem início na infância e alcança a maturidade na puberdade. A partir de suas colocações podemos, enfim, perceber a importância de um desenvolvimento sadio da sexualidade infantil para gerarmos um adulto normal.

3.2- Sobre Amância e Amor

De acordo com Dolto (1996), a palavra amância foi introduzida na nossa gramática por Édouard Pichon, médico psicanalista, lingüista e autor, juntamente com Damourette, para diferenciar a ligação sem desejo sexual pelo ser amado,

¹ Libido é uma força quantitativamente variável que poderia servir de medida do processo e das transformações que ocorrem no campo da excitação sexual. FREUD, Sigmund. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 223

conservando para a palavra amor, o sentido de atração por um ser sexualmente desejado.

Embora nas obras de Freud, não tenha encontrado nenhuma menção a estes termos, após, leitura do capítulo elaborado por Dolto em sua obra *No Jogo do Desejo_ Ensaio Clínico*, associei estes sentimentos às barreiras mentais apontadas por Freud que são construídas na infância e, portanto, interpretei como sendo importante diferenciarmos estes termos, esclarecendo assim, mais facilmente, como a criança consegue superar o Complexo de Édipo e criar as barreiras mentais contra o incesto, ou num caso patológico, como não conseguem criar estas barreiras, talvez, por um desvio ocorrido durante a construção destas.

Dolto então nos diz que na criança, antes do Complexo de Édipo, amância e amor se confundem, pois ela, qualquer que seja seu sexo, experimenta desejos parciais, sejam estes satisfeitos ou não. Sendo que o prazer ou o desprazer obtidos destes desejos estão diretamente relacionados a libido pré-genital.

Assim, a Psicanálise apresenta que o desejo, a amância e o amor, mesmo provindos de um ser vivo e que tenha como objetivo tornar um sujeito consciente de seus desejos, podem ser inconscientes. Apresenta também, que o objeto do desejo parcial nem sempre é vivo nem humano, dando como exemplo, os brinquedos para as crianças e os objetos de valor para o adulto.

Para todo vínculo real, imaginário ou simbólico existe um sujeito e um objeto. Podendo existir dois sujeitos, mas, nunca dois objetos. Então, para que haja desejo, amor, amância no indivíduo é sempre necessário que haja uma pulsão mesmo que inconsciente em relação ao objeto.

Enquanto na amância efetiva-se um vínculo de segurança que une o sujeito a seu próprio corpo e à presença ou não do objeto, pois este pode ser

lembrado por expressões, gestos, ou atividades associadas ao objeto, no amor, há necessidade do encontro sujeito-objeto efetivamente, portanto, os objetos mediadores não são suficientes para suprir a ausência do objeto. Conseqüentemente, o amor fortalece o desejo das relações corpo a corpo, enquanto que a amância é sempre casta em relação ao objeto.

Analisando estes sentimentos na criança, vê-se que, o vínculo entre as necessidades localizadas no corpo do bebê e o retorno que a mãe concede a estas necessidades criam na criança um código de desejos parciais múltiplos, relacionados ao prazer, decorrentes da memória e da função simbólica desta. Deste modo,

O bebê cria para si um código sutil_ olfativo, visual e auditivo, que implica uma distância do corpo_ concernente às relações repetitivas e transitórias com a mãe, enquanto que a massa do corpo vivo assegura um continuum de percepções cenestésicas, esse conjunto está na origem do que, feito o ingresso na simbolização, servirá de suporte para a dialética da amância e do amor, na criança, por seu primeiro objeto humano: a mãe. (Dolto, 1996, p.282).

Mais claramente dizendo, a criança criará meios para suprir a ausência da mãe recordando-se de gestos, expressões, utilizando objetos por ela manipulados, criando um vínculo com a mãe que não necessariamente precise de sua presença física. Este vínculo é obtido através da relação por amância, por outro lado, se houver a necessidade do contato físico da mãe, a criança estará estabelecendo com esta uma relação de amor.

Assim, quanto ao Complexo de Édipo, tem-se encontrado nas palavras de Dolto, como a criança consegue superá-lo. Vejamos:

As sucessivas separações que ocorrem_ desmame, marcha, alimentação, manutenção autônoma do corpo (higiene geral e esfinteriana), deambulação individual, brincadeiras solitárias e, em último lugar, separação total do corpo a corpo, tal como era fantasiado com vistas ao prazer sexual, ao coito e à fecundidade incestuosa_ fazem com que a irreversibilidade temporal, aliada a irreversibilidade biológica, produzam em cada criança, na realidade e quanto ao futuro, a renúncia ao corpo a corpo sexual genital com os primeiros objetos, em relação aos quais misturavam-se confusamente nela os desejos, a amância e o amor. Foi isso que a Psicanálise denominou de resolução edipiana é quando, tanto no imaginário do sujeito-criança quanto no dos objetos familiares parentais, ascendentes e colaterais, estabelece-se a castidade das relações. A criança descobre em relação a esses objetos, desligada dos prazeres sensuais, uma amância que jamais a abandona, mas o amor, no sentido sexual (em sua realização física), emocional e passional do termo, relacionado com a libido, tanto oral e anal quanto genital, é barrado. A partir desse momento decisivo na evolução do ser humano, sua amância em relação a certos seres e seu amor por outros se distinguem. (DOLTO, 1996, p. 283-4).

Diante do que se viu, podemos afirmar que não conseguindo sentir amância por seu primeiro objeto de desejo, o amor não podendo ser realizado, o seu inconsciente induzirá o sujeito aos chamados comportamentos pervertidos, que serão discutidos mais adiante.

3.3- Traumas Sexuais na Infância e Doença Ulterior

Sobre as descobertas de Freud (BARROS, 2003) a respeito da sexualidade, nesta seção, daremos importância as suas descobertas acerca dos traumas relacionados à sexualidade ocorridos na infância.

O autor nos revela que as impressões ocorridas nos primeiros anos da infância atuam sobre um ego ainda em desenvolvimento e, assim, podem agir sobre este originando um trauma, que causa todas as disposições para uma doença ulterior na vida adulta. Sendo assim, os primeiros anos da infância são de suma

importância, pois, neles ocorrem os primeiros indícios da sexualidade, que deixam após si, o resultado final da vida sexual na maturidade.

O psicanalista Goldin em sua coluna semanal na Revista O GLOBO, de 29 de maio de 2005, relata um depoimento de um senhor que sofreu um trauma sexual na infância e que desencadeou uma doença na vida adulta.

Tenho 42 anos, sou casado, com dois filhos. Quando tinha 10 anos, fui seduzido por um tio. Estava dormindo e quando acordei o meu tio estava na minha cama me penetrando. Na hora fiquei paralisado e não fiz nada. Não contei a ninguém com vergonha e medo. Eu acho que na verdade eu gostei, não sei explicar com exatidão. A questão é que isso se repetiu outras vezes em que meus pais não estavam em casa. Depois um outro tio também me seduziu e depois um primo. Desde os 12 anos vivo este conflito. Tudo isso ficou em minha mente e passei a ter desejos por homens. Do período dos 14 aos 25 anos, não tive nenhum relacionamento homossexual porque, na verdade, eu não queria aquilo para mim, só que era algo mais forte do que eu, mas mesmo assim lutei contra meus sentimentos. Mas vivo neste conflito. Casei-me e tenho uma esposa e filhos maravilhosos e os amo muito. Hoje ainda sinto esses desejos que me atordoam a mente, mas resisto. Tive convites de homens para sair, mas não quero, realmente. (PAULO apud GOLDIN, 2005, p. 16).

Goldin, ao analisar este caso argumenta que quando um adulto abusa de uma criança, o sujeito estimula suas zonas genitais prematuramente originando um enorme fluxo de energia sexual que pode ter duas conseqüências, ou produzir uma neurose que afeta o comportamento, ou uma perversão, que modifica a sexualidade original.

Outra situação analisada por Goldin em sua coluna no dia 28 de agosto de 2005, apresenta mais uma situação de um possível trauma ocorrido na infância. O caso analisado é o de Débora, com idade de quase 30 anos, muito bonita, culta e garota de programa. Débora no campo sexual é muito liberada, faz sexo anal, oral, grupal. Bebe muito, e quando alcoolizada, vai para cama com qualquer um que conhecer. Na manhã seguinte costuma perguntar se fez sexo anal, se foi ela quem

pediu, se usou lubrificante. Enfim, não tem o menor pudor em ir para cama com qualquer um e fazer todo o tipo de prática sexual.

Sobre este caso, Goldin levanta inúmeras possibilidades, mas uma das possíveis, é a de que Débora possa ter sido vítima de abuso sexual na infância. Esses traumas podem estar reprimidos, e Débora inconscientemente nas suas experiências sexuais dramatiza-os, pois, com frequência, pergunta o que fizeram com ela depois de uma noite de sexo. Goldin diz que "o esquecido se repete e este círculo vicioso só acaba quando os traumas da infância voltam à consciência e reconhecidos, são tratados de forma adequada" (28-08-05, p. 24).

A psicanalista Pizá em reportagem sobre abuso sexual na infância para o jornal O GLOBO em maio de 2004, afirma que quando a criança vítima de violência não é tratada, esta pode cometer o suicídio, se drogar, enveredar pelos caminhos da prostituição (como é o caso de Débora). Nesta mesma reportagem a psicanalista Bittencourt diz que a maioria dos abusadores sofreu abusos sexuais na infância.

Temos nas palavras de Forel (1957) a reafirmação de que os traumas de origem sexual, ocorridos na infância podem eclodir posteriormente em casos patológicos, isto porque, as emoções produzidas por estes traumas produzem um medo que interferem no seu inconsciente. A criança geralmente esquece o trauma, mas este fica no seu subconsciente, produzindo posteriormente fobias, perversões, obsessões ou substituições do desejo sexual.

Cabe salientar que quando se fala em trauma sexual, este não necessariamente tem natureza física, mas pode ser manifestado por natureza de ordem mental, tal como, a repressão moral sexual a que somos impostos. Caprio (1965) expõe que se o doente tivesse conhecimento daquilo a que a sociedade insiste em zelar, instituindo os tabus sexuais, este nem teria se tornado doente.

Anna Freud (1982) a partir das análises terapêuticas de adultos neuróticos percebeu a influência negativa de atitudes e ações parentais e ambientais como desonestidade em questões sexuais, padrões morais rigorosos, excessivo rigor ou tolerância referentes ao comportamento sexual, na formação de quando eram crianças. A partir desta constatação, verifica-se mais uma vez que os traumas sexuais a que nos referimos não têm somente origem física, mas, podem ser de origem psicológica também.

Como Goldin (2005) já demonstrou os traumas produzem no indivíduo uma neurose ou perversão. Neste nosso estudo restringiremo-nos ao campo das perversões causadas por psicotraumas, pois, de acordo com Forel (1957) as perversões podem ocorrer também por sugestão, auto-sugestão ou hábito. Por sugestão ou auto-sugestão o indivíduo passa a praticar um ato de perversão a partir de uma idéia fixa que permanece em sua mente e não tem origem traumática. Já a perversão por hábito não é congênita e responde a um desejo que procura satisfazer-se pela variedade.

Nos seus estudos sobre as perversões, Freud (1976a) descobriu que a pulsão sexual luta contra as forças psíquicas que atuam como resistência. São estas forças que restringem a ação desta pulsão acerca daquilo que é considerado normal, portanto, é sobre estas forças que os traumas atuam. De acordo com Anna Freud (1982), para que o indivíduo se torne um perverso, é necessário que ocorra alterações mentais que permitam que os impulsos inconscientes e reprimidos se convertam em ato consciente e sejam descarregados na ação.

A perversão só pode ser definida como patológica se, e somente se, apresentar "as características de exclusividade e fixação" (Freud, 1976a).

Segundo Freud (1976a) as perversões são atividades sexuais que se manifestam de duas maneiras, ou:

- (1) vão além do sentido anatômico que se destina à união sexual, e se estendem a outras regiões do corpo.
- (2) demoram-se nas relações imediatas com o objeto sexual procurando chegar logo ao objetivo sexual final.

Anna Freud (1982) apresenta que quando se diagnostica num adulto a perversão, isto significa que a superioridade dos órgãos genitais nunca foi alcançada ou não foi mantida, então, os componentes pré-genitais não foram reduzidos ao papel de fatores introdutórios. Logo, antes que se alcance a maturidade, não se pode diagnosticar um indivíduo como perverso, pois, "a igualdade das zonas pré-genitais com os próprios órgãos genitais ainda é um ponto pacífico" (p. 175).

Visto como um indivíduo pode desencadear uma perversão, podemos agora conhecer as perversões já classificadas, lembrando que, o que veremos só pode ser classificado como perversão patológica se tiver caráter de exclusividade e fixação nas relações sexuais e for originada por um trauma, afora isto, algumas das perversões que apresentaremos não é tida como patológica, mas é vista como perversão somente no campo da moral sexual que nos é imposta pela sociedade.

3.3.1- Perversões Sexuais

Existem diversas perversões sexuais diagnosticadas, no entanto, neste nosso estudo serão apresentadas as que mais aparecem nas diversas obras consultadas.

As anomalias do comportamento sexual de acordo como o Manual de Psiquiatria escrito por Henry **E. Y.** Bernard e Brisset [19-?] podem ser classificadas em duas categorias:

- (1) Anomalias da escolha objetal (anomalias na escolha do parceiro): são anomalias relativas ao estímulo do orgasmo. São elas:

Onanismo

De acordo com Caprio (1965), trata-se de uma perversão auto-erótica em que o doente se entrega a um tipo compulsório de masturbação. O indivíduo acaricia o próprio pênis e no caso de ser mulher, a vagina, só obtendo prazer por este meio.

Vejamos um caso clínico apresentado por Caprio:

Eu me viciiei no antigo hábito de acariciar-me o pênis. Não é que eu queira estar sempre a me masturbar. A masturbação faz-me sentir, freqüentemente, mal-estar. Causa-me um sentimento de culpa. (1965, p. 235).

Incesto

Caprio (1965) expõe que o incesto é uma perversão sexual em que parentes consangüíneos de uma família mantêm relações (sexuais), como por exemplo, pai e filha; mãe e filho; tios e sobrinhos; irmãos; entre outras combinações.

Freud (Caprio, 1965) em Totem e Tabu, informa que nas eras pré-históricas eram comuns os atos incestuosos, mas, posteriormente, com o passar dos anos ocorreu uma organização social que impôs a sociedade restrições morais e religiosas, proibindo assim, o incesto.

Weinberg (Caprio, 1965) ressalta que a repugnância ao incesto é mais social do que biológica.

Abaixo um caso clínico relatado a Caprio:

Eu tinha doze anos de idade quando meu pai pôs as mãos em mim. Ele desabotoou as calças e se expôs a mim. Estava em ereção e disse: _ Olha para mim. Eu tinha dezesseis anos quando ele me violou. Correu-me sangue, e eu chorei. Ele me disse então que uma porção de moças perdem aquilo. De uma vez, quando eu já andava pela quinta-classe na escola, ele me bateu, deixando-me um olho pisado de murro. Eu tinha medo dele. Ele me prometeu que um dia viria ao meu quarto e me mataria. Um dia, sacou um canivete punhal, colocou-m'o contra a garganta e vociferou: _ É melhor você ceder, senão eu lhe dou cabo da vida. Aos catorze anos, deu dê pôr a boca em minhas vergonhas, mais ou menos uma vez por mês. Perguntava se eu estava gostando. Também me convidou a pôr a mão no seu órgão sexual. Tenho ódio dele. Deviam mantê-lo preso por toda a vida. Eu vivia com medo de contar tudo isto fosse a quem fosse. Ele me surrava e não me deixava nem comparecer a confissão, com medo de eu ir dizer tudo ao padre. (1965, p. 194).

Pedofilia

O termo pedofilia segundo Caprio (1965) designa um desvio compulsório no qual um adulto mantém um contato sexual com criança.

O autor discorre que há inúmeros fatores que podem levar a compreensão da prática desta perversão pelo indivíduo. Um desses fatores seria a identificação do indivíduo com a criança, onde o seu erotismo surge do fato de saber que a criança é sexualmente inocente e está sendo excitada por ele. Neste caso há um retorno psicológico a vida sexual da sua própria infância. Um outro fator seria o fato de julgar a criança um ser inferior, e assim esta não tem como julgar o seu desempenho sexual.

Vejamos um caso clínico demonstrado por Forel (1957):

Um homem talentoso, artista, dotado de sentimentos morais finos e elevados, achava-se desde a mocidade afetado de um desejo sexual que tinha por objeto exclusivo as meninas de cinco anos. Os vestidinhos curtos, as pernas à mostra excitavam-no loucamente. Desde que as meninas cresciam, ou mesmo antes de se tornarem púberes, perdiam para ele todo o atrativo sexual. Os adultos, homens e mulheres, foram-lhe toda vida indiferentes, jamais copulou. Seu desejo sexual intenso levava-o a apaixonar-se com freqüência por meninas de cinco e dez anos. Reconhecendo cedo a anomalia do seu desejo, conseguiu dominá-la toda a vida. O mais que se permitia, às vezes, era acariciar com disfarces as meninas, sentando-as sobre os joelhos, apertando-as de leve contra si, de modo a provocar algumas ereções e ejaculações sob os seus vestidos sem que elas o percebessem. Seus sentimentos morais e seus princípios foram sempre bastante fortes para o impedirem de ir mais longe e ele se masturbava para acalmar-se e dominar-se, o que, aliás, não lhe servia de muito. Mas este estado provocou nele uma irritação nervosa crescente e uma depressão melancólica que tocava ao desespero. (p. 229).

Homossexualismo

Freud (1976a) denomina o homossexualismo como inversão, pois, para o autor, o indivíduo apresenta sentimentos contraditórios. Diz ainda que a inversão caracteriza-se em três tipos:

- a) Inversão absoluta, em que o objeto sexual do indivíduo é do seu próprio sexo e, neste caso, o sexo oposto não lhe desperta desejo sexual algum.
- b) Inversão anfigênica, neste caso, os indivíduos são hermafroditas psicosexuais e seus objetos sexuais podem ser tanto do sexo oposto quando do mesmo; a exclusividade não é característica desta inversão.
- c) Inversão ocasional ocorre quando na falta de um objeto sexual normal o sujeito relaciona-se com alguém do mesmo sexo.

Caprio (1965) expõe um caso clínico de inversão absoluta:

Passei por outra experiência homossexual, na idade de quinze anos, quando andava no ginásio, dessa vez com um camarada que morava

naquelas redondezas e tinha dezoito anos. Perguntei-lhe se gostaria que eu tivesse relações sexuais com ele. Ele concordou. Essas relações consistiriam em eu deixá-lo por o pênis dentro da minha boca. É verdade que também consenti em que ele o pusesse no meu reto. Mas isso eu não gostei tanto quanto se fosse na minha boca. Ele me apresentou a diversos outros da sua laia. Eu não gostei de ter relações com ele, porque ele era gordalhão. Duma feita perguntei a um dos amigos dele se queria manter relações comigo. A resposta foi que não. Aí, então, fui perguntar ao gordo se ele convenceria o amigo a aceitar. O mediador foi bem sucedido, e lá fomos os três, um belo dia, para o mato. Tomei na boca o pênis de um deles e o outro no reto, simultaneamente. Naquela excitação, engoli o sêmen. Costumeiramente, eu punha sempre saliva nos pênis daqueles a quem deixava que m'os introduzissem no meu reto. No ano seguinte, em que completei dezesseis anos, andei as voltas com um primo de vinte e seis anos e que se casara há seis meses apenas. Um dia peguei no pênis dele e perguntei se me deixava pô-lo na boca. Nesse dia fui contentado das duas maneiras, oral e retal. E isso continuou durante três anos. (p. 208-9).

Bestialidade

Este tipo de perversão de acordo com Caprio (1965) designa o contato sexual entre o ser humano e um animal inferior e, ocorre desde os tempos remotos da história.

Vejamos um caso clínico:

Suponho que teria treze anos quando tive meu primeiro contato com animais. Eu vira o gado em tempo de cio, os bichos se perseguindo uns aos outros, pelo pasto a fora, uns a querer pular em cima das costas de outros. O espetáculo me excitou. E assim é que certa vez decidi experimentar também meter meu pênis nas naturezas duma vaca. Subi para cima dum banquinho e o fiz, copulando, pois com a vaca. Lembro-me de como era ríolhado e quente o órgão sexual da bicha e de que cheguei a ejaculação muito depressa mesmo. [...]. (CAPRIO, 1965, p.254).

Conhecidas as anomalias da escolha objetal veremos agora as deformações do ato sexual.

- (2) Deformações do ato sexual (anomalias nas práticas eróticas): são anomalias em que a obtenção do orgasmo provém de meios derivados ou substitutos. São elas:

Fetichismo

Caprio (1965) fala que o fetichismo é uma perversão no qual a libido do indivíduo fixa-se em um objeto inanimado que simbolizará o objeto de seu amor. Trata-se de uma forma de masturbação simbólica. O fetichista pode ser atraído por um sapato, luva, roupa de baixo, cabelo, pé, entre outros.

Abaixo um caso clínico apresentado pelo autor:

Certa vez_ era uma tarde de sábado_ achandô-se minha madraستا fora, achei umas calcinhas dela largadas pelo chão. O fato me excitou poderosamente, tanto que entrei imediatamente em ereção. Masturbei-me, fazendo que o esperma incidisse sobre a costura central-inferior da peça. A experiência me excitou de tal modo que fui ao quarto de minha avó e de lá retirei todos os seus calções e calcinhas. Verifiquei que os de cor carnezim eram os que mais me afoqueavam. (1965, p. 255).

Masoquismo

Caprio (1965) nos diz que o masoquismo é um tipo de perversão que se caracteriza pelo desejo do indivíduo em sofrer dor ou humilhação.

O autor demonstra um caso clínico de um homem homossexual:

A minha vontade é que o homem me magoe, empurrando-me pela garganta abaixo o pênis dele. Mais ou menos há um ano, estive num hotel com um homem e ali tive uma fantasia de como se estivesse eu dentro duma banheira, enquanto ele ia urinando por cima da minha barriga, a meu pedido. Cheguei a devagar mentalmente que tal seria

fazer que um homem me urinasse dentro da garganta. (Caprio, 1965, p. 211).

Sadismo

O autor descreve o sadismo como sendo uma maneira de satisfação sexual do indivíduo advinda de atos de crueldade ao parceiro causando a este sofrimento físico e mental.

Tem-se abaixo um caso de sadismo:

Ele me chupava e mordía os seios. [...] enquanto me batia, fez-me sangrar e, aí, pôs-se a lamber o sangue que me saía do braço, a morder-me os dedos. (CAPRIO, 1965, p. 195).

Sadomasoquismo

Muitos pervertidos apresentam ambas as formas, sendo ao mesmo tempo sadistas e masoquistas, recebendo então, o nome de sadomasoquistas.

Abaixo um caso:

Marilyn e eu fomos para cama e eu copulei com ela. Pus-me a beijá-la numa espécie de transporte d'alma. Comecei pelos seios dela e, ao mesmo tempo, a mordê-lo. Pedi-lhe que me morderesse na cara. Enquanto a acañiava, fui procurando ver se lhe enfiava um dedo pelo reto acima. [...]. (CAPRIO, 1965, p. 238).

Exibicionismo

Caprio fala que o exibicionismo é um desvio sexual em que o sujeito publicamente expõe seus órgãos genitais.

Observe um caso clínico:

Um dia, enquanto guiava meu carro, tive uma ereção e sem a menor preocupação desabotoei as calças e fiquei segurando o pênis e mesmo dando-lhe um pouquinho de manipulação, mas não tão enérgica. Tanto quanto consigo me lembrar, não vira coisa nenhuma que pudesse ter-me provocado à ereção, muito embora houvesse grande número de pessoas de ambos os sexos ali pelas calçadas. (CAPRIO, 1965, p. 224).

Voyeurismo

O voyeurismo de acordo com Caprio é um desvio sexual em que o indivíduo possui impulso irrefreável de espiar outras pessoas despindo-se ou mantendo relações sexuais.

Um caso de voyeurismo:

[...] pus-me a espreitar por entre as frinchas do irradiador de calor situado na parede do meu quarto, e, uma vez que ele estivesse aberto ao mesmo tempo em que estivesse também o de minha avó, eu podia espiar diretamente para dentro do quarto dela. A situação me permitia enxergar até mais ou menos o topo da cama dela e então, punha-me a me masturbar enquanto ela se despia, e eu ia vendo as peças da sua roupa de baixo irem caindo ao chão, uma a uma. (CAPRIO, 1965, p. 255).

Escoptofilia

Neste tipo de perversão diz-nos Caprio, o sujeito obtém prazer através da visualização de fotos e figuras ilustrativas. Veja:

Quando eu tinha uns catorze anos, arranquei de uma página de revista uma ilustração representando uma linda moça vestida de

roupa de banho e me masturbei, ejaculando em cima daquela figura. (CAPRIO, 1965, p. 236).

Urolognia e Coprofilia

Caprio informa que a urolognia é uma perversão sexual em que a excitação sexual provém do ato de urinar no parceiro, em alguns casos, há também desejo em beber a urina do parceiro sexual. Já a coprofilia é uma perversão sexual em que o prazer sexual é obtido pela visualização do ato de defecação, ou pelas próprias fezes.

Tem-se abaixo um caso de urolognia:

Mandou-me a justiça pública um doente para tratamento do exibicionismo de que era portador. Entretanto o desejo sexual que predominantemente o acicatava consistia em querer obter satisfação erótica que lhe dava o urinar sobre mulheres. (CAPRIO, 1965, p. 278).

O autor discorre que tanto a urolognia quanto a coprofilia, representam manifestações do estágio de perversão polimórfica. Quando essas perversões são praticadas na idade adulta e substituem o prazer obtido do coito, as pessoas são consideradas imaturas sexualmente, apresentando um infantilismo psicosexual.

Ele também informa que a maioria das perversões sexuais se deve a fixação da libido ao nível infantil, assim sendo, o indivíduo não alcançou o estágio heterossexual do desenvolvimento.

4- SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO E PERVERSÃO

No presente capítulo abordaremos como algumas posturas educativas, principalmente na educação sexual, podem contribuir para a construção da estrutura perversa no ser humano, em especial dos pedófilos.

Para melhor compreensão deste assunto começaremos apresentando um pequeno histórico de como a educação sexual foi e é vista na sociedade, na família e na escola, pois, para compreendermos como uma postura educativa pode conduzir um sujeito à perversão é preciso, antes de tudo, conhecermos como a sexualidade é encarada pelas instituições acima citadas, mas precisamente, quais os discursos propagados por estas.

Conhecidos os seus discursos poderemos então discursar sobre como a educação pode levar à perversão.

Complementando este capítulo, analisaremos o caso de um sujeito pedófilo, relatado por Caprio (1965), desde sua infância até chegar a cometer tal ato, tentando observar de que maneira a educação pode ter contribuído para sua perversão.

Com as pesquisas bibliográficas serão intercaladas as respostas das entrevistas realizadas com as professoras do 2º e 3º período da Educação Infantil e com a Orientadora Pedagógica que trabalham numa escola da rede pública municipal de São Gonçalo. Esta escola, também, durante um ano (outubro/04 a outubro/05), serviu como ambiente para as observações realizadas por mim com as crianças da Educação Infantil, sobre as manifestações sexuais que evidenciavam e as posturas adotadas pelos funcionários acerca de tais manifestações, tendo como objetivo conhecer o discurso mantido por esta instituição.

4.1- UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NA SOCIEDADE, NA FAMÍLIA E NA ESCOLA

A educação na Grécia, no período arcaico, segundo Manacorda (1997), era dividida de acordo com as classes sociais. Para as classes governantes, uma educação que visasse preparar para as tarefas do poder, que são o pensar ou falar, ou seja, prepará-los para a política, e o fazer, que seria prepará-los para a guerra. Já para as classes excluídas e oprimidas nenhuma escola, mas em grau diferente, a mesma aculturação destinada as classes dominantes. Esta aculturação seria moral, religiosa e patriótica. Quanto à moral sexual, em uma passagem que fala sobre a ginástica, que é uma das modalidades de educação e que visa preparar o guerreiro, percebemos que, em se tratando de assuntos relacionados à sexualidade, esta é vista como vergonhosa, isto porque os alunos praticavam os exercícios nus, e assim, ao sentar-se deviam manter as pernas esticadas e fechadas para não mostrarem suas vergonhas, e ao levantar-se deviam aplinar a areia para que outros não se aquecessem com os traços de sua região genital.

Ainda na Grécia dos tempos antigos, em o Banquete, Platão (Jaeger, 1995) informa que ao homem casto concedia-se todos os favores e quando este usufrísse do prazer não devia permitir que este o corrompesse.

Percebemos, portanto, que o sexo era visto com restrição, obviamente sobre um ponto de vista moralista, embora naquele tempo a pederastia¹ fosse uma prática bastante comum e aceita.

Em Roma, no século V, temos por Áries e Duby (2004), a propagação das idéias do paradigma monástico, que em suma, significava o fim do ideal da

¹ Pederastia: Homossexualidade masculina. BUENO, Silveira. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD, 1996.

educação pela cidade, em que os jovens aprendiam a honrar a pátria. Pela sua influência os jovens eram formados por uma cultura literária baseada na liturgia e na Bíblia.

O controle da sexualidade era um dos símbolos mais fortes que o paradigma monástico impunha sobre a sociedade. Assim,

O paradigma monástico colocou um ponto de interrogação no casamento, na sexualidade e até na diferenciação dos sexos. Pois no paraíso Adão e Eva eram seres assexuados. Se perderam seu estado "angélico" de adoradores exclusivos de Deus foi porque ao menos indiretamente, caíram na sexualidade, e dessa queda na sexualidade começa a deriva de homens e mulheres rumo a um mundo de preocupações próprias dos corações divididos e ligadas ao casamento, ao nascimento de crianças e à dura labuta necessária para alimentar bocas esfaimadas. (ÁRIES; DUBY, 2004, p. 285).

Portanto, de acordo com o paradigma monástico, os cristãos casados não poderiam chegar ao paraíso, pois ele só seria acessível a quem adotou durante toda a vida a abstinência sexual.

Mas, apesar da forte influência, o paradigma monástico não se enquadrou no Oriente Bizantino, conseqüentemente, fora das portas da Basílica, a cidade permaneceu sexualmente indisciplinada.

O que há de se levar em consideração nesta época, segundo os autores, é a forte influência religiosa sobre a vida sexual, que, contudo, não conseguiu impedir a prática dos atos considerados ilícitos como: as relações pré-maritais, pederastia e homossexualismo.

Temos então que, embora tanto em Roma quanto na Grécia houvesse uma forte influência religiosa e moral sobre o que diz respeito à sexualidade, alguns indivíduos rompiam com estes padrões, reafirmando assim, as palavras de Freud

sobre aqueles que não conseguem seguir as regras impostas pela sociedade e as infringem para satisfazer suas necessidades.

Avançando no período histórico, chegamos aos séculos XV, XVI e XVII, e pelas observações de Albertini (1997), séculos estes marcados por profundas transformações políticas, sociais, econômicas e religiosas. Transformações ocorridas pela passagem da Idade Média para a Moderna, em que ocorreu o declínio do poder dos senhores feudais e da Igreja e ascendeu a burguesia, com o capitalismo comercial.

Mudam-se também os valores, assim sendo, durante os séculos XV, XVI e XVII, uma nova visão sobre a sexualidade surge, e por Áries (1978) temos como eram tratados os assuntos sexuais diante das crianças.

Áries, através das anotações do médico Heroard, relata como Luís XIII foi educado sexualmente. Com meses de idade sua ama sacudia-lhe o pênis no qual Luís achava muita graça. Com um ano ele mandava que todos lhe beijassem o pênis e mostrava-o a todas as pessoas, levantando a roupa. Entre os seus cinco e seis anos de idade, as pessoas pararam de se divertir com suas partes sexuais, porém, ele começou a brincar com a dos outros, incluindo, adultos. Com a idade de sete anos, essas brincadeiras desapareceram, pois, era hora de lhe ensinar bons modos e linguagem adequada.

Foucault (1980) afirma que ainda no início do século XVII perpetuava-se uma certa franqueza no que se refere à sexualidade,

As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças

astutas vagando, sem incômodos, nem escândalo entre risos dos adultos: os corpos "pavoneavam". (p. 9)

Áries (1978) informa que essas atitudes ocorriam porque acreditava-se que a criança fosse indiferente à sexualidade, além de que os adultos julgavam que o que ocorria não iria macular a inocência infantil.

Durante estes séculos havia uma permissividade sexual, uma total ausência de regras e valores.

Essas atitudes, como nos escreve Áries, começaram a mudar com o início da reforma dos costumes, imposta pela renovação religiosa e moral, iniciadas no fim do século XVII, e também por educadores que com suas idéias acabaram por triunfar e conseguiram perfazer seus ideais até os dias atuais.

Os seus conceitos seriam modificar a linguagem perante as crianças, dirigindo a elas somente palavras castas; evitar promiscuidades entre pequenos e grandes; não deixar as crianças dormirem com pessoas mais velhas e nem sozinhas com os criados.

Com o surgimento da sociedade industrial, no século XIX, o modelo imposto a todas as classes sociais foi o casamento monogâmico e a

[...] família nuclear, consangüínea, típicos de nossas sociedades ocidentais, se caracterizam, com referência à sua origem cristã e à sua função na economia e ideologia burguesa, pelo seu esforço furioso para enquadrar a totalidade do desejo sexual na instituição conjugal, tudo o que lhe escapa (sexualidade pré-genital, masturbação infantil), ou se desvia (homossexualidade), extravasa (prostituição, adultério) é denunciado como pertencente ao reino de Satã, da Besta (visão cristã) ou da imoralidade e da bestialidade (visão leiga). (DADOUN apud WEREBE, 1998, p. 141).

Indubitavelmente, vemos uma retomada dos valores moralistas no que se refere à sexualidade.

Áries e Duby (2003) escrevem que no século XX, durante os anos 60 e 70, ocorreu a revolução sexual, com a ruptura de muitos tabus, a venda de anticoncepcionais, os movimentos homossexuais e a luta contra os tabus religiosos.

Entretanto, mesmo com esta revolução sexual, a Igreja jamais abriu mão dos valores pregados, e o Papa João Paulo II, em seus textos, mantinha as posições rigorosas e disciplinadoras da Igreja.

Sobre a contracepção, o preservativo e as prioridades da luta contra a AIDS, Guillebaud (1999) fala que João Paulo II recusou as campanhas do "sexualmente correto", pois, em sua concepção, não haveria necessidade destas campanhas se todos aderissem à vida sexual somente após o casamento.

→ *um sub-título*
Nos dias de hoje vivemos entre discursos moralistas, permissivos e ponderados sexualmente. A Igreja mantendo sempre o moralismo sexual e a mídia, alguns psicólogos, sexólogos rompendo com este moralismo, sendo mais complacentes nas regras sexuais.

Como Werebe (1998) nos declara, a família é regulada por normas determinadas pelas tradições culturais e/ou religiosas que vigoram em cada sociedade. Assim sendo, como hoje temos vários discursos sobre a sexualidade, é evidente que encontraremos uma sociedade moralista, permissiva ou mista quanto às regras sexuais, e a família seguirá as regras de sua sociedade.

A autora classifica os pais da seguinte maneira:

Há pais rígidos e moralistas que procuram impor aos filhos normas de conduta severas no domínio da vida sexual, impedindo que eles se desenvolvam sem complexos e sem culpabilidade. Outros, porém, são liberais, abertos e compreensivos, procurando manter com os filhos um diálogo sobre a sexualidade. Outros são totalmente

permissivos e outros, enfim, são indiferentes em relação aos comportamentos sexuais dos filhos. (WEREBE, 1998, p. 149).

Werebe nos diz ainda, que a educação sexual informal realizada na família tem uma importância significativa no desenvolvimento da criança, pois é a primeira noção que recebe. Mas, como já foi apresentado, o contexto familiar é influenciado pelas regras sociais e, então, a educação sexual que a criança recebe sofre influência destas regras. Porém, muito do que os pais também passam para seus filhos são reflexos daquilo que viveram na infância e juventude e que, portanto, revivem na sexualidade infantil dos filhos.

Berge (1968) explica que muitos pais procuram fugir das perguntas das crianças, pois, revivem os momentos de constrangimento vividos em suas infâncias perante seus pais, passando a impressão da educação sexual ser uma coisa vergonhosa.

Quanto à escola, de acordo com Meirelles (1997), esta é a instituição social responsável por transmitir informações culturais e sociais, e conservar assim, o status social e cultural.

Temos, então, que a escola vai repassar ao aluno os discursos que a sociedade mantém.

No que diz respeito a educação sexual nas escolas, Werebe (1998) informa que a medida comumente adotada é a da repressão a certos comportamentos dos alunos.

As aulas de educação sexual, segundo Barros (1998), restringem-se a informações biológicas, não fazendo menção à questão do desejo, do amor.

Isto geralmente ocorre porque o professor não sente liberdade para tratar do assunto, e prefere restringir-se a questões biológicas e omitir-se quanto às

demais, passando para o aluno "que sexo é alguma coisa de secreto ou talvez de vergonhoso sobre o qual não se deve falar" (WEREBE, 1998, p. 150).

Em entrevista com a Orientadora Pedagógica da escola em que foi realizada as observações, Simone Peres, foi perguntado a ela, se havia orientação para que as professoras trabalhassem com assuntos referentes à sexualidade. A resposta foi que sim, e que as professoras são orientadas a abordar o assunto caso haja algum incidente que faça surgir o tema no cotidiano da sala de aula. Caso não haja oportunidade, o que ela considera muito difícil por experiência própria, ela direciona as professoras a trabalhar questões de gênero, namoro, conhecimentos do corpo humano etc.

Mas, neste segundo caso, esta orientação serve para as professoras de classes de faixa etária maior, pois, as professoras entrevistadas da Educação Infantil, disseram não receber orientação pedagógica sobre como trabalhar com assuntos referentes à sexualidade.

Disseram, também, que não se sentem preparadas para trabalhar ou responder às dúvidas das crianças quanto à sexualidade. A professora do 2º período, Kátia de Sousa, acha muito complicado abordar assuntos referentes à sexualidade com crianças de 4/5 anos de idade. Já a professora do 3º período, Maria Elena Motta, só trabalha quando acontecem alguns fatos que necessitam ser abordados, como por exemplo, beijos entre as crianças.

Quando questionadas sobre como pensam que deve ser a explicação que devem dar às crianças acerca das perguntas sobre sexualidade, a professora Kátia de Sousa disse achar que se deve restringir e falar apenas quando surge um acontecimento. Ela exemplifica dizendo que quando um aluno agarra o outro para beijar, fala a eles que não podem obrigar o outro a fazer o que não quer e que não

estão na idade de beijar na boca. E quando mostram os órgãos genitais manda parar explicando que isto é muito feio.

Já a professora Maria Elena Motta pensa que as explicações devem ser dadas de maneira onde a verdade sobre o assunto seja transmitida, embora não sinta-se preparada para responder desta forma.

Durante todo o período em que estive realizando as observações, percebi que a reação das pessoas quanto a este assunto sempre foi de repressão e fuga em falar a verdade.

Num dos episódios observados, um menino de cinco anos levantou a saia de uma menina da mesma idade. A Dirigente de Turno ao resolver a situação disse para a menina que ele agiu assim porque só queria saber a cor de seu short, e em conversa particular com o menino reprimiu-o dizendo que ele não poderia agir desta maneira. E o episódio se encerrou deste modo.

Numa outra situação, um menino de quatro anos pegava os livros de história infantil, ia para baixo da mesa, escolhia um desenho de princesa e se masturbava sobre ele. A professora vendo a situação reprimiu sua ação, contou para a mãe da criança que também o reprimiu, não havendo diálogo algum com a criança sobre o que sentia ou porque estava fazendo aquilo.

Quanto às ações mais visíveis sobre a sexualidade infantil, observei crianças querendo se beijar; grande número de crianças indo ao banheiro juntas; exibição por parte dos meninos dos órgãos sexuais e atividades masturbatórias.

Dentro de sala de aula ocorreu um caso em que um menino de cinco anos subiu em cima de uma menina que estava deitada no chão e começou a simular um ato sexual. A menina então pediu para que parasse, pois, só quem poderia fazer aquilo era os adultos, resposta dada de acordo com o que viu na televisão.

Todas as situações quando presenciadas por adultos eram reprimidas.

Mas, somando-se as repressões sofridas na maioria da vezes, a criança também presencia situações de permissividade, principalmente aquelas apresentadas pela televisão e aprendem com o que vêem, como num dos casos vistos na página anterior.

Vivemos um conflito onde a televisão escancara o sexo, porém, os pais e os educadores não conseguem falar com tanta facilidade sobre as questões sexuais com a criança. Vejamos um dos pontos de dúvida:

Num país que vive o clima do sexo é tudo, uma boa parte dos pais se sente perdida entre o desejo de respeitar a intimidade do filho e a dúvida se deveria ou não antecipar à deseducação sexual geral para proteger seus pimpolhos. (INTRATOR; NEVES, 2003, p. 01).

Mesmo com este "boom" sexual na mídia, como é salientado pela Orientadora Pedagógica, Simone Peres, é necessário perceber como a professora lida com sua própria sexualidade, pois, se ela é cheia de tabus não conseguirá tratar deste assunto, mesmo que esteja tão explícito, e sua postura será sempre a de repressão. E isto, também refere-se aos pais, pois, não é fácil mudar uma postura que já está arraigada no sujeito.

Conseqüentemente, caminhamos entre repressão e permissividade no campo da sexualidade na sociedade, na família e na escola, criando um possível elo entre a educação e a perversão.

4.2- Uma Pedagogia Que Leva a Perversão

Com o advento do capitalismo em meados do século XVII, temos também

o advento da repressão sexual como vimos na seção anterior.

Como Chauí (1991) nos apresenta, por repressão sexual

Entende-se o sistema de normas, regras, leis e valores explícitos que uma sociedade estabelece no tocante a permissões e proibições nas práticas sexuais genitais. Essas regras, normas, leis e valores são definidos explicitamente pela religião, pela moral, pelo direito e, no caso de nossa sociedade, pela ciência também. (p. 77).

Foucault (1980) nos diz que a sexualidade está ligada a dispositivos de poder, que regulam, que determinam o que deve ou não ser realizado, quais as normas que o direcionam.

Os princípios da moral sexual, informa-nos Reich (1932), são orientados por um grupo que detém no interior da sociedade, o controle do poder econômico e político. Entretanto, a moral sexual não pode ser imposta por uma simples exigência, pois encontraria resistência, logo é necessário que desde a primeira infância a restrição sexual comece a ser implantada, pois, a resistência do ego é mais fácil de dominar. Assim, é importante que a exigência externa de um grupo social dominante passe a ser interiorizada por todos os indivíduos da sociedade.

Mas, de que maneira ocorreria esta interiorização? Reich afirma que seria através da modificação da estrutura psíquica do indivíduo, modificação esta ocorrida por medidas punitivas. O medo às punições caso haja uma transgressão sexual, provoca uma opressão no sujeito quando uma tendência sexual eclode fazendo com que as forças psíquicas opostas se manifestem contra esta tendência e reprimam sua manifestação. Portanto, a moral da sociedade consegue assim, reproduzir-se no indivíduo, e através dela o grupo dominante tem total controle sobre os indivíduos, mantendo assim a situação econômica.

Esta moral encontra na escola uma maneira de perpetuar seus interesses, pois como Foucault (1980) apresenta, os colégios através de regulamentos de disciplina, das disposições das salas, das distribuições dos dormitórios, das vigilâncias mantêm sobre controle a vida do aluno, e conseqüentemente, sua vida sexual.

Mannoni (1988) discorre sobre este poder ideológico, no século XIX, realizado pela instituição escolar e médica.

A autora nos apresenta o modelo de educação ideal proposto pelo Dr. D.G.M. Schreber, que teria levado o seu filho Daniel Paul Schreber a um estado psicótico. O Dr. D.G.M. Schreber partia do princípio, para formular sua educação ideal, que toda criança é má de nascença e que desde cedo, ela deve adquirir a arte da renúncia. Por exemplo, ele diz que a babá deve comer na frente da criança e se ela pedir um pedaço deve-se negar. Schreber pede que o adulto tenha controle total sobre o corpo da criança, indicando o uso de barras de ferro para que esta permaneça com o corpo ereto, evitando e controlando assim, as sensações sexuais emanadas pelo corpo.

Mannoni (1988, p. 33) acerca desta educação que Daniel Paul Schreber recebeu questiona e ao mesmo tempo responde: "O que é a educação? De um modo geral, a educação é, em primeiro lugar, uma tarefa de destruição".

Quando pensamos na educação sexual dos dias de hoje, continuamos a ver os comportamentos sexuais repressivos, vide o que já foi exposto na seção anterior.

Sendo assim, Freud (1976b) discute sobre os efeitos desta moral sexual civilizada, dizendo que, esta impõe grandes sacrifícios ao homem podendo causar danos a sua saúde. E afirma que,

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão das pulsões. Cada nova conquista foi sancionada pela religião, cada renúncia do indivíduo à satisfação pulsional foi oferecida à divindade como um sacrifício, e foi declarado santo o proveito assim obtido pela comunidade. Aquele que em consequência de sua constituição indomável não consegue concordar com a supressão do instinto, torna-se um criminoso, um *outlaw* diante da sociedade_ a menos que sua posição social ou suas capacidades excepcionais lhe permitam impor-se como um grande homem, um herói. (FREUD, 1976b, p. 192).

Freud discorre ainda que quando a pulsão sexual é muito intensa existem dois desfechos possíveis, ou o indivíduo permanece pervertido e sofre as consequências impostas pela sociedade, ou consegue através da educação suprimir estas pulsões, mas esta supressão é falsa e o indivíduo não conseguirá alcançar nunca a plena satisfação sexual.

Para Foucault (1980), a nossa sociedade é uma sociedade de perversão explosiva e fragmentada, pois, exerce sobre o corpo e o sexo um poder que reduz as sexualidades singulares e possibilita toda uma germinação pervertida além de causar uma séria patologia da pulsão sexual.

Ao reprimir, a sociedade induz o aparecimento de todo o tipo de indivíduo pervertido, ou seja, aumenta os casos patológicos que num outro contexto jamais apareceriam.

Reich então apresenta que:

O estudo psicanalítico das perversões mostra que elas são em última análise, consequência do desvio da energia sexual do seu objetivo genital normal, devido a essa inibição da genitalidade, todas as exigências pré-genitais são superinvestidas de energia, o que provoca, em certas condições bem determinadas, a sua reaperição como perversões. A fixação a um objetivo pulsional infantil, fixação que a teoria psicanalítica considera como base dessas perversões, é consequência direta da repressão da vida amorosa genital natural das crianças e dos adolescentes pela ordem anti-sexual de que os pais são os órgãos executivos. (1932, p. 30-1).

Indubitavelmente, vemos que através da educação sexual repressiva a que a sociedade nos impõe tanto pelo uso das instituições familiares ou escolares, eclodem os casos pervertidos já vistos anteriormente. Prova-se assim, que a educação também é um meio para se construir um pervertido.

Mas, é importante ressaltar que não é só através da educação sexual repressiva que um sujeito pode tornar-se pervertido, a educação sexual permissiva também pode levar um sujeito à perversão.

Rosen (1975) ressaltava que a palavra permissiva apareceu recentemente em nossa linguagem, e que as atitudes permissivas contribuem em grande parte para o aparecimento dos distúrbios neuróticos e sociais da atualidade.

Os pais permissivos acreditam que agindo desta maneira estarão satisfazendo a curiosidade da criança sobre os assuntos relacionados à sexualidade, não percebendo que agindo assim, acabam por superestimular sexualmente a criança. Vejamos um caso:

Ele tinha uma neurose grave e fora criado numa atmosfera muito permissiva por seus pais, tudo aparentemente a serviço do esclarecimento, com muita superestimulação sexual visual e verbal. Sua mãe, que fora muito deprimida, tentou esclarecê-lo como compensação pelo seu próprio retraimento depressivo. Quando Anthony tinha seis anos de idade, ela lhe mostrou seus órgãos genitais. Posteriormente, o menino referiu-se ao fato como sendo o ponto de partida de muitos de seus problemas. O fato, evidentemente, constituiu o maior trauma de sua vida. O pai praguejava obscenidades e falava abertamente das intervenções cirúrgicas que a mãe sofrera por ocasião do nascimento do menino. Além disso, o pai tomava banho junto com ele e permitia que tocasse em seu pênis. (Rosen, 1975, p. 47).

Através deste caso, podemos perceber como a educação sexual permissiva também pode causar danos à estrutura psíquica do indivíduo.

Num outro caso apresentado por Jerusalinsky (2004), um adolescente passou a incomodar sexualmente seus colegas, passando a mão em algumas meninas, olhando pela fechadura do banheiro. Os pais não entendiam porque seu filho agia assim, já que foi criado num ambiente de total liberdade sexual, tendo acesso até a sites eróticos.

Percebemos o quanto é difícil compreender que a permissividade sexual não proporciona uma melhor compreensão da sexualidade, e sim, é uma das possíveis causas que leva o indivíduo à perversão. Então, como Rosen (1975) discorre, a tarefa dos pais não é permitir satisfações físicas e emocionais durante a infância, mas proporcionar limites definidos para tais atividades, para que a criança possa se desenvolver plenamente. Tal concepção direciona-se também aos educadores, pois, a educação não pode ser uma tarefa de destruição, mas uma tarefa de construção.

4.3- Educação e Pedofilia: Um Estudo de Caso

Nesta seção analisaremos um caso de um indivíduo pedófilo apresentado por Caprio (1965), de modo a reafirmar os pressupostos deste trabalho.

Começemos conhecendo o que ocorreu em sua infância.

Contava ele sete anos quando os pais se divorciaram. Foi por essa mesma época que experimentou o primeiro despertar do sexo. Durante um recreio do meio-dia, na escola, após haver a professora deixado completamente à solta a classe, um dos meninos da oitava classe levou uma das meninas dessa mesma classe para uma casinha de madeira desprovida de portas e, portanto, à mercê de quem quisesse devassá-la. Ele arriou as calcinhas da pequena até os joelhos e realizou com ela um coito em pé. O único sentimento que me moveu então foi a curiosidade. Éramos, ali, uns doze garotos, meninos e meninas, a apreciar a cena, enquanto o herói da mesma insistia em mandar-nos embora. Tivemos, todos, ordem de

calar o bico e não contar o caso a mestra. Nessa mesma semana, eu e o outro menino levantamos o vestido dessa mesma menina, justamente no momento em que ela entrava no pátio da escola, ao chegar para a aula. Não sei por que o fizemos. Acho que foi para olhar as calcinhas dela. Numa tarde de sábado, ela me perguntou se eu queria estar com ela, junto com outros dois meninos da oitava classe, lá fora, num mato. Ela e eles me convenceram de que eu me ia divertir imenso. Eu respondi está bem e lá fomos, pedalando nas nossas bicicletas, em direção a um mato que havia por trás da casa dela. Ali chegados, ela se deitou no chão e desceu as calcinhas, aí, um dos garotos colocou em si próprio uma coisa qualquer que, na ocasião me pareceu assim como um dedo polegar feito de couro. Creio, hoje, que era uma camisinha. Os dois garotos eram irmãos. Ambos tiveram relações com ela. Um deles, aliás, era aquele mesmo que copulara com ela no galpãozinho devassável, lá na nossa escola. Não findara o dia e já eles me levaram a outro bosque. De novo, a garota se pôs no chão e copulou outra vez com cada um deles. Então ela me disse que eu podia dar algumas espiadinhas ao entre pernas dela e certo número de apalpadelas também enquanto as calcinhas lhe ficavam descidas. Eu assim fiz e logo ajuntei que queria também fazer aquela outra coisa. Ela retrucou que eu ainda não tinha idade para aquilo, mas me tirou o pênis fora e pôs-se a brincar com ele. É claro que não experimentei emoção alguma. Então me deixou pôr-me em cima dela, e ainda agora me lembro de que mesmo assim não tive sensação nenhuma em especial. (CAPRIO, 1965, p. 252-3).

Como Caprio afirma, a semente da neurose sexual com relação à criança fôra-lhe cultivada desde a infância, a partir dos incidentes acima.

Vimos que ocorreu um trauma sexual na infância do indivíduo de maneira que deixou marcas que culminou com a sua patologia na vida adulta, a pedofilia. Assim, perceberemos a veracidade do que Freud em seus estudos afirmou, de que os traumas sexuais da infância deixam após si todas as disposições para uma doença ulterior.

Mas, para que o indivíduo viesse a sofrer esse trauma sexual, há também duas possibilidades no que tange a educação, na primeira podemos pensar que houve uma permissividade sexual na vida de todas as crianças envolvidas, de modo que agiam como se o que fizessem fosse algo natural. Pois, como podiam agir assim sem que não tivessem tido acesso a algo desta natureza?

Por outro lado, uma educação repressiva também acaba por despertar mais o interesse das crianças sobre aquilo que os adultos tendem a reprimir ou omitir, e as levam a ter curiosidade e interesse excessivos pelas manifestações sexuais.

Qualquer das possibilidades nos leva a crer que houve uma falha na educação sexual destas crianças.

Prosseguindo com a análise,

Casou-se este doente à idade de vinte anos. Lembro-me de que comecei a sentir forte desejo de estabelecer contato entre minha boca e as partes genitais de uma mulher. Nesse tempo contava vinte e quatro anos. Armava brincadeiras provocativas com minha mulher, para excitá-la antes de termos relações sexuais. Mamava-lhe os seios por cerca de meia hora de cada vez, provavelmente, ao mesmo tempo em que ia afagando seus genitais. Parecia-me inebriar de gosto esse esforço por levá-la a intensa excitação. Desejava excitá-la de todo o modo possível. Lembro-me de ouvir minha mulher exprimir sua repugnância pela idéia de um homem levar a própria boca aos genitais duma mulher. Isso a deixava com ânsias de vômito. Vendo-se bloqueado na efetivação dos seus desejos de práticas cunnilingus¹ na esposa, para o que já o inibia ainda mais até mesmo sua própria maneira de ver, naquele ato, uma coisa suja, decidiu que essa mesma coisa, se levada a efeito com alguma garotinha, havia de ser menos repulsiva. (CAPRIO, 1965, p. 258-9).

Após análise deste trecho percebemos novamente como a educação pode levar um sujeito à perversão, pois, ao negar-se a deixar que o marido praticasse sexo oral, a esposa estava exercendo aquilo a que a sociedade impôs ao indivíduo, ou seja, o sexo somente como função para a reprodução, e qualquer atividade sexual em que o sexo genital for praticado sem cumprir essa função será reprimida. Pela educação, como já vimos, as regras morais são impostas e se não se aceita, sofre-se as punições.

¹ Cunnilingus refere-se a prática de sexo oral (na mulher).

Freud discorreu que ou o indivíduo aceita por meio da educação as regras morais sexuais e controla suas perversões ou desobedece a essas regras e extravasa seus desejos, tomando-se deste modo um pervertido.

No caso em análise, o indivíduo rompeu com as regras morais sexuais e extravasou seus desejos, praticando o ato de pedofilia. Somando-se ao desejo de praticar o sexo oral, remontou-se o trauma vivido na infância, que lhe aflorou o desejo por crianças. E assim praticou o ato:

Parecia-me difícil aprender nitidamente toda a situação. Só sei é que cogitava sobre a cor que teriam as calcinhas da criança. Saquei do bolso um par de calcinhas cor-de-rosa e fiz a garota experimentá-la. Em seguida sentei-a sobre o tronco abatido, sem as calcinhas, e fiz-la recostar-se para trás. Pus-me, então, de joelhos e separei as pernas dela, esfreguei os dedos, para cima e para baixo, nas intimidades dela, metendo e tirando a minha língua dali várias vezes, sem, todavia, obter disso nenhuma excitação particularmente extraordinária. Parecendo um tanto desgostosa de ver a minha reação conseqüentemente ao fato, ela se pôs a chorar, pelo que eu parei, voltei-me e saquei o pênis, que estava em ereção e o coloquei diante dela. Pedi-lhe que lhe pusesse a mão sobre ele, o que me excitou grandemente, tanto que comecei a me masturbar, de pé, ali diante da pequena. Tive a polução; disse a garota que se vestisse e levei-a para a casa dela. (CAPRIO, 1965, p. 261).

Ao analisar este caso, pensamos no que Mannoni expôs em seu livro, sobre a educação ser uma tarefa de destruição. Neste caso, acreditamos que sim, pois, a educação recebida pelos sujeitos envolvidos neste enredo propiciou também a patologia do sujeito.

Mas, então, como deve ser a educação, principalmente, sexual?

5- SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Nossa proposta neste capítulo é proporcionar a reflexão a partir de algumas possibilidades de como abordar a educação sexual de uma maneira não traumatizante, possibilitando assim, um embate de idéias sobre aquilo que presenciamos maciçamente no âmbito da educação sexual nas instituições já discutidas com o que diversos autores julgam ser a maneira ideal de se abordar a educação sexual.

Albertini (1997) afirma que o erro educativo está tanto no exagero quanto na falta da ação repressiva.

Freud (Barros, 2003) acreditava ser impossível conceder liberdade total à criança para pôr em prática todos os seus impulsos. É necessário, segundo o autor, que a educação encontre o contra-ponto entre a restrição e a permissividade, pois, a criança deve aprender a controlar suas pulsões, e esta aprendizagem se daria através da educação. Obviamente, a educação atingirá o seu valor máximo quando encontrar este contraponto e causar o mínimo de dano à criança.

O processo educativo escreve Albertini (1997), deve apresentar coerência interna, não oscilando entre uma ampla liberdade inicial e uma posterior punição, pois, deste modo, poder-se-ia causar no indivíduo grande dificuldade de autocontrole.

Assim sendo, Rosen (1975) destaca a importância de dar as informações sexuais às crianças de acordo com as suas necessidades e nível de entendimento, isto porque, se as informações forem fornecidas cedo demais, elas tendem a incorporar-se à vida de fantasia da criança e causar-lhes traumas que sucumbiriam em uma possível perversão.

As respostas às dúvidas das crianças devem ser dadas assim que elas demonstrarem interesse, sugere-nos Freud (Kupfer, 2002). E como expõe Sayão (1997),

[...] a aprendizagem de uma forma geral, está subordinada às primeiras curiosidades infantis. A não satisfação das curiosidades da criança sobre a sexualidade gera tensão e ansiedade na medida em que se constituem em questões significativas para cada sujeito e em núcleos importantes que impulsionam o desejo de saber ao longo da vida. A paixão pelo aprender pode articular-se com o prazer que também é vivido no âmbito da sexualidade. A sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das características singulares e de sua articulação com o meio e a cultura. (p. 113).

A autora ainda afirma que a educação sexual ocorre desde o nascimento e, portanto, é no território familiar que a criança vai receber as primeiras noções relacionadas à sexualidade, em geral não explicitamente. E os valores (conservadores, liberais, religiosos) que a família possui, na maioria inconscientes, determinam em grande parte a educação das crianças.

Mas, na realidade, como discute, Souza e Osório (1993), as famílias só se preocupam com a educação sexual dos seus filhos quando estes atingem a maioridade e, neste caso, o rumo da sexualidade do jovem já está definido desde a infância. Portanto, é importante que desde a mais tenra idade os pais acompanhem e compreendam as diferentes fases dos seus filhos e não apresentem atitudes inadequadas, como as já discutidas no capítulo anterior.

Salienta os autores que a educação sexual adequada para as crianças vai depender do grau de superação dos tabus sexuais que os pais carregam, e mesmo, da ignorância que estes possuem quanto à sexualidade infantil.

Na escola, a educação sexual, segundo Júnior (1997), deve estar integrada a um amplo projeto pedagógico da escola, de forma que venha a ser

discutida interdisciplinarmente, levando-se em conta as dimensões psicológicas, filosóficas, históricas, geográficas, biológicas que envolvem o campo da sexualidade.

A Orientadora Pedagógica, Simone Peres, quando questionada sobre como deveria ser a Educação Sexual na escola, respondeu que a educação sexual na escola deve ser um tema que não pode ser deixado de lado, escamoteado em práticas em que é melhor ser ignorado do que encarado. Disse ainda, que uma orientação sexual dada de forma errônea, ou até mesmo não dada, pode acarretar para a criança muitos problemas futuros, como, por exemplo, encará-la como promiscuidade ou uma manifestação anormal.

Quando perguntada sobre como agiria caso uma professora da Educação Infantil comentasse que viu um aluno se masturbando, ^{em que condições?} respondeu que, primeiramente, deve-se perceber como é a relação da professora com sua sexualidade, pois, para tratar da temática esta deve ser tranqüila para a pessoa. A sondagem, então, deve ser através de um diálogo franco e, de certo modo, confidencial, apesar de profissional, isto porque o assunto ainda é cercado por muitos tabus, mesmo entre educadores. Neste sentido, a sua orientação para as professoras é que percebendo certas situações de exploração pelas crianças, encare-as como algo natural e sadio, pois, nesta faixa etária a criança tem manifestações de prazer diferenciadas ^{da} dos adultos e a todo momento ela está a se descobrir. Assim, é preciso que o professor entenda a sexualidade como um processo amplo, cultural e inerente ao desenvolvimento infantil.

Afirmando o que Simone Peres colocou, Freud (Kupfer, 2002) indica que as posturas do educador diante de situações como as supostas acima são reflexos do seu recalçamento que recaem sobre a parte infantil de sua sexualidade.

Concomitantemente a esta afirmação, quando recordamos o exemplo da criança que estava se masturbando na sala com os livros de histórias infantis, a professora reprimiu-o, pois agiu do modo como agiram com ela em sua infância. Para Albertini (1997), o certo seria deixar a criança se masturbar tranquilamente, pois, nesta idade é comum que descubram o corpo, e reprimir causar-lhe-ia um sentimento de culpa que ao invés de fazer com que ele parasse, agiria de modo contrário, aumentando-lhe o desejo, pois, os sentimentos de medo, culpa aumentam a excitação sexual.

Há muito "certo" e "errado" e a moralidade ou o desejo a questão?

É claro que também não deve haver uma permissividade total, pois, como já dissemos no início deste capítulo, é necessário achar o meio-termo entre a permissividade e a repressão, possibilitando assim, uma boa educação.

há uma certa materialização?

Retornando à entrevista realizada com a Orientadora Pedagógica, Simone Peres, foi-lhe perguntado se considerava importante abordar assuntos referentes à sexualidade desde a Educação Infantil, ao que foi respondido que sim, porque a sexualidade é de muita importância no desenvolvimento do indivíduo, além de estar ligada às questões de reprodução da espécie e relacionar-se diretamente com o prazer, de forma que tal sentimento é condição/necessidade fundamental em nossas vidas.

Mas, como responder às perguntas das crianças?

Souza e Osório (1993) respondem que não se deve ser prolixo nem extenso, deve-se dar no mínimo uma explicação imediata, deixando para responder depois algo que não se tenha em mente, mas jamais omitir.

Alves (2004) sugere o uso da analogia, pois o seu uso não afirma que aquilo é igual, mas sim, que é parecido.

obs: parece-me que há uma preocupação com o "como se faz", prescritiva portanto

O recurso à analogia é cabível para as crianças; e principalmente, para pais e educadores que se sentem constrangidos. É uma maneira, de responder às perguntas das crianças de forma a tornar familiar o desconhecido, e, na educação infantil (fato observado), se você disser, por exemplo, pênis, é bem provável que a criança não compreenda, por outro lado, se disser, pintinho, com certeza verá rostinhos vermelhos nas meninas e risinhos frouxos nos meninos.

Vejamos um exemplo do uso de analogia no que se refere a assuntos relacionados à sexualidade:

Quando eu era menino, sem nada saber sobre sexo, gostava de descascar as mexericas para, depois, enfiar o dedo no buraco fechado e apertado do meio dos gomos. Era delicioso, meu dedo enfiado, apertado, no obscuro buraco da mexerica. Um menininho foi humilhado por duas meninas. Quando elas o viram com o pintinho de fora fazendo xixi, caíram na risada: "É igual a um pepininho". Ao que ele retrucou: "E vocês, que o que têm são dois gominhos de mexerica!". Bom observador o menino; sua imaginação já conhecia através de analogias. (ALVES, 2004, p.20).

Para os alunos de faixa etária maior, Júnior (1997), destaca que os professores de Ciências e Biologia são os mais indicados para contribuir na formação do jovem no que diz respeito à sexualidade, lembrando que não devem restringir-se a informações dos aparelhos reprodutores, mas tratar dos aspectos emocionais, éticos e culturais que cerceiam a sexualidade.

Também estes professores devem passar por cursos que lhes possibilitem abordar este assunto de uma maneira completa, quebrando-lhes os tabus existentes.

Quem faz, quem pensa o curso, inspirado em que concepções?

Sayão (1997) menciona que ao proporcionar maior consciência sobre os aspectos da sexualidade, a orientação sexual propicia condições de busca da plena felicidade e do exercício da cidadania de maneira mais qualificada.

é possível?

como é?

Como complemento ao que já discutimos, apresentaremos trechos da reportagem concedida ao jornal O GLOBO, cujo título é SEXO NÃO É TUDO, pela terapeuta Débora Gil, na qual ela responde às principais dúvidas sobre sexualidade que os pais têm perante aos filhos, e que também serve aos educadores como material de reflexão. Vejamos,

● Quando o bebê, por exemplo, numa troca de fraldas, fica brincando com o próprio órgão sexual, deve-se impedir?

_ De maneira alguma. O bebê ainda não desenvolveu completamente sua capacidade de elaboração, ele está descobrindo o corpo e toca seu órgão sexual da mesma maneira que leva o pé à boca. Se os pais o reprimem, o neném passa a achar que aquilo é ruim sem saber por quê. Na adolescência, pode ter problemas com sua sexualidade, por ter uma culpa introjetada. Esses comportamentos e as crenças formados na infância mais remota são os mais difíceis de serem modificados.

● E se a criança estiver brincando com o órgão sexual do amiguinho ou do irmão?

_ Os pais devem tentar demonstrar que não está acontecendo alguma coisa a mais. Podem tentar distrair a atenção da criança da brincadeira, mas sem fazer alarde. A criança pequena, quando brinca com o órgão sexual de outra criança é por pura curiosidade.

● O filho surpreende os pais tendo relações sexuais. O que fazer?

_ Muitas crianças ainda pequenas poderão achar que está acontecendo uma briga. Os pais devem explicar para ela que estavam brincando, namorando. Não podem também demonstrar contrariedade ou raiva por terem sido interrompidos. Devem, sim, perguntar para a criança se ela precisa de alguma coisa.

● A criança não chega a surpreender, mas pergunta sobre gemidos que ouviu no quarto dos pais. O que responder?

_ Se a criança tiver menos de quatro anos, os pais podem dizer que estavam brincando e que a brincadeira envolvia sons. Podem usar alguma referência do mundo da criança como, por exemplo, dizer que estavam namorando e imitavam os sons dos bichos. A partir dos seis anos, já podem dizer que estavam namorando, mas de uma forma bem natural, sem demonstrar que ficaram constrangidos e envergonhados.

● O que fazer com o menino com mania de usar roupas e brinquedos da irmã?

_ Os pais podem investigar para ver se a criança tem o que se chama de fetichismo transvêstico (fetichismo de se travestir), o que é raro. Se tiver, de qualquer forma os pais devem criar condições para não dar acesso às coisas da irmã. A idéia é não estimular e ensinar à criança a ter controle. Mas pode ser só uma brincadeira e se assim

for, o ideal é pôr a filha também no jogo: ela veste as coisas do irmão e ele veste as coisas dela. Depois desfaz tudo e a questão toda não sai do contexto lúdico.

● Os pais pegam filhos de 4/5 anos brincando de se beijar, um sobre o outro. Devem impedir?

_ Os pais não devem estimular. Provavelmente, as crianças estão imitando uma cena que já viram, ou então agindo por instinto. De maneira alguma os pais devem bater. Para desfazer a situação, podem chamar a atenção das crianças para outra brincadeira. E depois, a sós, podem conversar com o filho, dizer que sabem que ele estava brincando com o coleguinha, mas que esse tipo de brincadeira só se faz quando se está mais velho. Podem explicar para a criança que ela está na idade de brincar de outras coisas, de bola, videogame. Que seus pais brincaram muito disso e que eles devem aproveitar muito esse momento. Mais tarde brincarão de outras coisas, como seus pais.

● Pais e mães devem tomar banho com filhos e filhas, todos juntos?

_ Até os quatro anos, tudo bem. Mas devem gradativamente mudar o comportamento, cortar, até para a criança aprender a respeitar a própria privacidade. Senão a criança pode achar que tirar as calças em público, por exemplo, é normal e pode sofrer com o estranhamento das pessoas.

● Os pais devem responder com precisão todas as perguntas dos filhos sobre sexo, independentemente da idade deles?

_ Depende da idade. Crianças muito pequenas se contentam com a explicação de que vieram de sementinhas, por exemplo. Para os mais velhos, é importante dizer que sexualidade é cumplicidade e amor. Os detalhes podem ficar para o professor de biologia. Mas se a criança perguntar alguma coisa especificamente, aí os pais devem responder. Se não souberem, podem pesquisar juntos. (GIL apud INTRATOR; NEVES, 2003, p. 2).

Apresentadas as possibilidades de se abordar a educação sexual de uma maneira não traumatizante, faz-se necessário, refletir sobre tudo o que foi exposto nestes quatro capítulos, e perceber que quanto mais compreendermos a sexualidade, maior será a capacidade de tomarmos decisões no que diz respeito ao desejo, ao prazer e ao amor, de maneira que a sexualidade seja vista englobando todos estes aspectos. É, assim, possibilitemos também as crianças o direito a descobrir a sexualidade de uma maneira sadia, e que, conseqüentemente, tornem-

se adultos conscientes dos seus atos, e encontrem a plena felicidade, ainda que em poucos momentos da vida.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando optamos por trabalhar com a questão de como algumas posturas educativas podem favorecer a construção de pedófilos, nossa intenção foi demonstrar que há pessoas envolvidas, mesmo que inconscientemente, na construção da estrutura perversa destes sujeitos.

A presente idéia vem ao encontro de acreditarmos que a pedofilia trata-se de uma patologia e, assim, mesmo que o ato seja cruel, não se pode julgar unicamente o sujeito quando há uma rede de relações externas e internas que culminaram com a evolução desta patologia.

Desta forma, ao analisarmos os pedófilos é necessário que antes conheçamos os pormenores de sua vida e percebamos que na maioria das vezes trata-se de indivíduos que sofreram traumas sexuais na infância de natureza física e/ou de ordem mental.

Assim, é importante que responsáveis por crianças redobrem seus cuidados com estas, conhecendo os ambientes freqüentados e as pessoas às suas voltas, reforçando os conselhos sobre contatos íntimos tentados por outros e evitando posturas educativas como o moralismo e a permissividade, principalmente, no que diz respeito à educação sexual.

Quando voltamos nosso olhar a educação, mais especificamente, a educação sexual, perceberemos o quanto esta pode ser nociva a nossa felicidade, Pois, pensamos ser a educação a condição necessária para que possamos ser indivíduos conscientes e, portanto, buscar nossa felicidade. Mas, o que vemos, na maioria das vezes, é a educação sendo usada como artifício para nos manipular e,

obviamente, sujeitamo-nos a esta sufocando nossos prazeres e renunciando a nossa felicidade.

A sexualidade faz parte do ser humano e não deveria ser um dispositivo para nos controlar, como afirmou Foucault. É claro, como escreveu Freud, que não se pode dar uma ampla liberdade à criança no que se refere à sexualidade, mas também, não se pode reprimi-la demais.

Sabemos o quanto é difícil esta busca pelo equilíbrio entre a permissividade e a repressão. Muitos de nós fomos educados por princípios moralistas, por outro lado, vivemos uma atmosfera liberal divulgada pela mídia. E neste embate de idéias, nos perdemos e não sabemos encontrar o meio termo.

Na busca por um equilíbrio nos discursos sexuais temos a Psicanálise, que tem contribuído muito com a ruptura dos tabus envolvendo assuntos referentes à sexualidade, proporcionando às crianças o direito as informações que antes lhes eram omitidas.

É sábio afirmar que as teorias psicanalíticas no campo da educação têm muito a auxiliar, principalmente, no que diz respeito às transformações do moralismo existente nas escolas, sobretudo, nas escolas de princípios religiosos. Bem aproveitadas as teorias psicanalíticas no campo da educação contribuem para a ruptura deste moralismo, especialmente, no que se refere à educação sexual e, auxilia assim, na construção de indivíduos sadios, conscientes da sua sexualidade e não reprimidos por princípios sexuais tidos como aceitáveis.

Mas, é importante que aceitemos os discursos psicanalíticos, ou ao menos, compreendamos, a necessidade de um novo olhar sobre os discursos propagados, principalmente, quando se tem a missão de contribuir para a formação de uma criança.

É fácil criticar os pedófilos, assim como é fácil repassar a ignorância quanto às questões sexuais aos pais e sociedade, porém, acreditamos que quando se percebe que há algo errado em nossos discursos devemos ter condições de procurar mudar, pois, estamos no mundo para evoluir, portanto, não podemos ficar presos a discursos arcaicos.

Se quisermos um mundo melhor, precisaremos mudar o que está errado, e se os nossos discursos estão equivocados será necessário corrigi-los.

Aos educadores cabe sempre procurar o aperfeiçoamento, além de ter que pensar que na escola a sua função é passar o que é certo e não por preconceitos omitir ou menos ainda passar informações erradas.

A educação sexual precisa ser tratada com respeito e apresentada em todos os seus meandros, que envolvem a questão do desejo, do amor, propiciando a formação de crianças e jovens conscientes de sua sexualidade, podendo desfrutar de seus prazeres sem pecado nem culpa. E conseqüentemente, contribuindo para a diminuição de pedófilos ou demais pervertidos em nosso mundo.

Enfim, esperamos ter possibilitado um novo olhar sobre a pedofilia e contribuído para uma reflexão sobre os discursos sexuais propagados por nós, na busca de um mundo mais justo e indivíduos mais felizes, pois, não devemos renunciar a nossa sexualidade e, correspondentemente, a nossa felicidade para vivermos em sociedade, só devemos saber encontrar o meio termo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTINI, Paulo. A sexualidade e o processo educativo: uma análise inspirada no referencial reichiano. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. p. 53-70.

ALVES, Rubem. Sobre transar e ensinar. In: _____. **Ao professor, com o meu carinho**. Campinas: Verus, 2004. p. 15-21.

ÁRIES, Philippe. Do despudor à inocência. In: _____. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. cap. 5, p. 125-155.

ÁRIES, Philippe; DUBY, Georges. **História da Vida Privada I: Do Império Romano ao Ano Mil**. 17ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ÁRIES, Philippe; DUBY, Georges. **História da Vida Privada V: Da primeira guerra aos nossos dias**. 8ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BARROS, Rita Maria Manso de. A Adolescência e o tornar-se Mulher. In: DUPRET, Leila; FARIAS, Francisco R. de (Org.). **A Pesquisa nas Ciências do Sujeito**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. cap. 7, p. 157-182.

_____. **Seleção de Textos de Freud sobre Psicanálise e Educação**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2003. p. 1-12.

BERGE, André. **A Educação Sexual e Afetiva**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1968.

BERNARD, P.; BRISSET, C.; Y., Henry. **Manual de Psiquiatria**. 5. ed. Paris: Masson, [19-?].

CAPRIO, Frank S.. **Aberrações do Comportamento Sexual**. 2. ed. São Paulo: Ibrasa, 1965.

CEZIMBRA, Márcia; VENTURA, Mauro. Abuso contra a infância. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, 02 maio 2004, Jornal da Família, p. 1-2.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: Essa Nossa (Des)Conhecida**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DOLTO, Françoise. Amância e Amor. In: _____. **No Jogo do Desejo: Ensaios Clínicos**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996. p. 280-295.

FOREL, Augusto. **A Questão Sexual**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1957.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FREUD, Anna. **Infância Normal e Patológica: Determinantes do Desenvolvimento**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FREUD, Sigmund. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. p. 135-237.

_____. Moral Sexual 'Civilizada' e Doença Nervosa Moderna. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. p.187- 208.

_____. Dois Verbetes de Enciclopédia. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976c. p. 287-312.

GOLDIN, Alberto. O que fazer com desejos gays? **Revista O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 44, p. 16, 29 maio 2005.

_____. Autopunição ou descaso? **Revista O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 57, p. 24, 28 ago. 2005.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A Tirania do Prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

INTRATOR, Simone; NEVES, Tania. Sexo não é tudo. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, 02 nov. 2003, *Jornal da Família*, p. 1-2.

JAEGER, Werner. **Paidéia_ A Formação do Homem Grego**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JERUSALINSKY, Alfredo. As crianças e a sexualidade. In: _____. **Novas Incidências sobre a Sexualidade Infantil**. São Paulo: Ecograf, 2004.

JÚNIOR, Álvaro Lorencini. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. p. 87-95.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a Educação: O Mestre do Impossível**. São Paulo: Scipione, 2002.

MANACORDA, Mario Alighiero. A educação na Grécia. In: _____. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1997. cap. 2, p. 41-72.

_____. A educação em Roma. In: _____. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1997. cap. 3, p. 73-110.

MANNONI, Maud. Uma educação pervertida. In: _____. **Educação Impossível**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. cap. I, p.23-59.

MEIRELLES, João Alfredo Bone. Os Ets e a Gorila: um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. p. 71-86.

NABOKOV, Vladimir. **Lolita**. Traduzido em português por Jorio Dauster. Rio de Janeiro: Globo Cochrane Gráfica, 2003.

Orientação Sexual. **Revista Nova Escola PCN Fáceis de Entender de 1ª a 4ª série**, São Paulo, p. 41-2, 1998. Edição Especial.

OSÓRIO, Luiz Carlos; PAGNONCELLI, Ronald. Educação Sexual. In: _____. **A Educação Sexual de Nossos Filhos: Uma Visão Contemporânea**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 13-26.

REICH, Wilhelm. **Irrupção da Moral Sexual Repressiva**. São Paulo: Martins Fontes, 1932.

ROSEN, Ismond. Educação Permissiva: Uma Revisão. In: KLEIN, H. Sydney (Org.). **Sexualidade e Agressividade na Maturação: Novas Direções**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 37-74.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. p. 107-117.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano. Sexo é uma coisa natural? A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade/escola. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Sexualidade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. p. 11-23.

WEREBE, Maria José Garcia. Sexualidade Humana. In: _____. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas: Autores Associados, 1998. cap. 1, p. 5-24.

_____. Educação Sexual Informal. In: _____. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas: Autores Associados, 1998. cap. 4, p.139-153.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A): RESANE LUNA LOPES DA SILVA

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : A PEDOFILIA COMO

REFLEXO DE UMA MÁ EDUCAÇÃO

ORIENTADOR : RITA MARIA MANSO DE BARROS

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: SANDRA ALBERNAZ DE MEDEIROS

Nota : 9,0 (nove)

Considerações:

em anexo

Refare:

Admirei sua coragem para expor o tema que escolheu para sua monografia. Quase não temos notícias de uma preocupação semelhante no campo da Pedagogia. Meus parabéns! gostei da discussão teórica, bem apoiada pela bibliografia com que você trabalhou.

No entanto, percebo em seu texto alguns aspectos que desejaria que você refletisse para que, num futuro trabalho pudesse aprofundar seu nível:

1 - Há uma preocupação com a moralidade que você expressa muitas vezes através de termos como "certo" e "errado", ou ainda, "meio termo". Quando você utiliza deixa entrever uma concepção também moralista, no sentido de que haveria um "certo" a priori a ser aprendido ou uma "verdade" acima do viver e das relações. A expressão "meio termo" é muito vaga. Pense bem, é preciso saber se contém a criança em questão, em que condições ela se encontra, como são as relações intra familiares. Existiria um meio termo aplicável igualmente a todas as crianças?

2 - A felicidade parece quase como um imperativo, como se a dor e a falta não fizessem parte importante de nossas vidas. A ideia da felicidade faz parte do mesmo mundo que Foucault discute e que você mesma fala em seu texto.

3 - Ato muito delicado prescrever, ou seja, dizer como lidar com questões da sexualidade humana. Pode-se facilmente cair na armadilha do controle e da disciplina. Desta forma, pode-se deixar de lado antigas práticas para colocar em seu lugar

novas práticas mais sofisticadas, mas que traz
também novas formas de controle do corpo.

O fato de ter me alongado no comentário
significa principalmente que a considero um
excelente estudante e que mereceu nesse melh
atenção acadêmica.

Um abraço

Andra

et-
et-
et-

et-
et-
et-

et-
et-
et-

et-
et-
et-

Segundo avaliador :

Professor orientador : RITA MARIA MANSO DE BARROS

Nota: 9,5 (nove e cinco)

Considerações:

Tema extremamente delicado já que trata daquilo que é mais velado e íntimo da subjetividade: as práticas da sexualidade. Em especial, a perversão, base da sexualidade sempre infantil, pode constituir-se de forma regressiva, no adulto, desprezando a preservação do laço social, criando patologias

Sugiro que a autora ultrapasse as notações que aprisionem a sexualidade ao moralismo, que impeçam o aprofundamento do pensamento científico, e que criam barreiras para novas descobertas.

Contudo, como trabalho produzido no final do curso de Pedagogia, merece os mais fortes elogios uma vez que sexualidade e educação são parceiros íntimos na construção da subjetividade.

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: LÍGIA MÁRTHA COIMBRA DA COSTA COELHO

Nota : 10,0

Considerações:

O trabalho contempla os principais elementos de uma monografia.

lele

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,0	9,5	10,0	28,5	9,5

Rio de Janeiro, 09/01/06

(NOME DO/A ALUNO/A)

A PEDOFILIA COMO REFLEXO DE UMA MÁ EDUCAÇÃO

Monografia de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de Pedagogia
da Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do Grau de
Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. (Nome do professor) – Orientador

Prof. (Nome do professor/a)

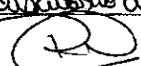
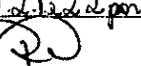
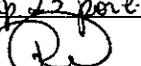
Prof. (Nome do professor/a)

Rio de Janeiro
2005

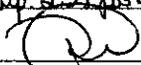
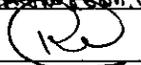
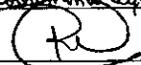
Aluna: Rejane Lima Lopes da Silva
 Orientadora: Rita Mamede

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês AGOSTO

Dia	09	14	21	28
Observações	Discussão dos Cap.	Cap. 1 por e-mail	Cap. 2.1 e 2.2 por e-mail	Cap. 2.3 por e-mail
Professor				
Aluno	Rejane Lima	Rejane Lima	Rejane Lima	Rejane Lima

Mês SETEMBRO

Dia	04	09	10	26
Observações	Cap. 2.3 por e-mail	Entrega Cap. I e II	Dimensionamento Com. C.M	Recolhimento Cap. I e II
Professor				
Aluno	Rejane Lima	Rejane Lima	Rejane Lima	Rejane Lima

Mês OUTUBRO

Dia	18	25	30	
Observações	Entrega Cap. 3 e 4; Bilh	Entrega Norma e Lit.	Cap. I e II corrig. Em	
Professor				
Aluno	Rejane Lima	Rejane Lima	Rejane Lima	

Mês NOVEMBRO

Dia	8	14		
Observações	Recolhimento Cap. 3, 4 e Bilh	Conclusão por e-mail		
Professor				
Aluno	Rejane Lima	Rejane Lima		